

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
CECIMIG**

**Estudo por investigação sobre as relações de
gênero em uma turma do 8º ano do Ensino
Fundamental - Contagem/MG**

Aparecida Fernandes Pessoa

Belo Horizonte

2014

Aparecida Fernandes Pessoa

Estudo por investigação sobre as relações de gênero em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental - Contagem/MG

Monografia apresentada ao Curso de Especialização ENCI-UAB do CECIMIG FaE/UFMG como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Ensino de Ciências por Investigação.

Orientadora: Márcia M^a Martins Parreiras

Belo Horizonte

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amigo Leonardo de Oliveira Barbosa pela indicação do ENCI. Estendo também meu agradecimento, à minha tutora Luiza Gabriela Oliveira, à orientadora Márcia Maria Martins Parreiras pela valorosa contribuição e à leitora crítica Penha Souza Silva pela contribuição nas correções. Agradeço também a José Maria dos Santos *in memoriam*.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo de uma sequência didática composta por atividades investigativas com a temática de gênero, norteadas pelo objetivo de investigar como estas atividades poderiam contribuir para a desconstrução dos estereótipos de gênero e no enfrentamento a atitudes sexistas entre estudantes. O trabalho foi realizado durante as aulas de ciências de uma turma de 8º ano do ensino fundamental em uma escola pública municipal da cidade de Contagem, Minas Gerais. A metodologia consistiu na aplicação de dois questionários e oito atividades investigativas no formato de oficinas temáticas. O presente trabalho contou com vinte participantes, sendo onze meninas e nove meninos. Os resultados da pesquisa mostraram que situações criadas nas atividades nesta temática, contribuíram para a abertura de questionamentos por parte dos (as) estudantes, colaborando para expressão de suas ideias, reflexões, análises, argumentação e identificação de modos diferentes de respostas compartilhadas no grupo. Por conseguinte, gerando empatia e um apontamento para o início da reconstrução de padrões mais igualitários. Além disso, o estudo desenvolvido mostrou que as aulas de ciências foram mais provocativas e reflexivas ao agregar a temática de gênero ao conteúdo de sexualidade já existente nos livros didáticos. Por fim, apontou também a necessidade da instituição escolar garantir espaços para a mediação de temas relacionados às relações de gênero, para favorecer discursos e ações mais igualitárias entre o masculino e o feminino.

Palavras-chaves: atividade investigativa; sequência didática; sexismo; gênero; ensino de ciências.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	07
2. Referencial teórico.....	09
3. Metodologia.....	11
4. Descrição, resultados e discussão das oficinas.....	14
4.1. Oficina 1 e oficina 8 – desenhando os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher.....	14
4.2. Oficina 2 – “Um conceito chamado gênero”.....	16
4.3. Oficina 3 – Invertendo os papéis sociais de gênero.....	17
4.4. Oficina 4 – Reações masculinas e femininas.....	19
4.5. Oficina 5 – Uma história de desamor.....	20
4.6. Oficina 6 – Construção social de gênero.....	21
4.7. Oficina 7 – retomando o conceito de gênero.....	22
5. Descrição e resultados dos questionários.....	22
5.1. Questões 1, 2, 3 – questionário diagnóstico.....	22
5.1. Questões 1, 2, 3 – questionário final.....	25
5.2. Questão 4 – questionário diagnóstico.....	26
5.2. Questão 4 – questionário final.....	28
5.3. Questão 5 – questionário diagnóstico.....	30
5.3. Questão 5 – questionário final.....	30
5.4. Questão 6 – questionário diagnóstico.....	30
5.4. Questão 6 – questionário final.....	31
6. Resultados e discussão.....	32
6.1. A metodologia utilizada no processo de construção do Conhecimento.....	32
6.2. A desconstrução dos estereótipos de gênero e o sexismo.....	34
6.3. A visão da professora observadora das atividades.....	37
7. Considerações Finais.....	38
8. Referências bibliográficas.....	40
9. Anexos.....	42

1- INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, o desejo de realizar esse trabalho nasceu da percepção de que, nas instituições escolares, as relações de gênero têm reproduzido a desigualdade que impera em outros espaços.

Tomando apenas como um exemplo relacionado à importância da discussão sobre as relações de gênero, podemos citar o caso da violência contra a mulher. Segundo dados do Bem-Me-Quero, que se constitui em um serviço de atendimento à mulher em situação de violência no município de Contagem/Minas Gerais, ao longo do ano de 2013, somente no primeiro semestre, foram registrados 462 atendimentos de agressão. Isso traz à tona o fato de como a violência contra a mulher constitui uma grave questão social que merece um olhar mais atento da escola; mais que isso, abre margens para a demanda por uma reflexão mais ampla concernente à ideia de relações de gênero em nossa sociedade.

Diante desse cenário, e entendendo que a escola é o lugar onde os (as) adolescentes convivem com grande diversidade cultural e social, e onde continuam suas relações afetivas, considera-se importante propiciar neste espaço oportunidades para se discutir as relações de gênero, contribuindo, dessa forma, para discursos e ações mais igualitárias entre o masculino e feminino.

Segundo Louro (1997), “a escola produz diferenças, situações, distinções e desigualdades”, as quais, neste trabalho, deseja-se problematizar, desnaturalizar, uma vez que , ao se servir

de símbolos e códigos, ela [a escola] afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...] Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras. E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. (LOURO,1997, p.58 e 61)

O falar está ligado a um lugar social, cultural e político, e, desse modo, entende que o discurso que os sujeitos externam está carregado da constituição de suas referências, ou seja, o lugar forma o discurso que se usa, e essa linguagem, por sua vez, é fortemente capaz de fixar diferenças. (LOURO, 1997)

Sendo assim, como a escola trabalha e opera por meio de linguagens, acredita-se ser este o ambiente propício para direcionar discursos mais igualitários, analisar os que são apresentados de forma acrítica e fomentar momentos de reflexão sobre os mesmos.

Sobretudo, torna-se mister explorar tais questões em sala de aula a fim de serem ressignificadas pelas (os) estudantes.

Por estar inserida em um tecido social específico, querendo ou não a escola acaba, mediante esse quadro, sendo palco de práticas excludentes que passam, dentre outros campos, pelo espinhoso tema das relações de gênero.

Nesse sentido, defende-se neste trabalho uma avaliação curricular no sentido de discutir-se a sexualidade para além das abordagens anatômicas, fisiológicas do sistema reprodutor feminino e masculino, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Argumentamos na viabilidade de ser agregado a esses temas as questões afetivas, emocionais e, principalmente, as questões de gênero.

Dessa forma, um instrumento bastante interessante que pode ser utilizado para esse fim são as atividades investigativas, uma vez que exploram discussões, reflexões, análises, críticas, sínteses, hipóteses, fomentando a articulação dos saberes e propiciando extensão dos resultados favorecendo mudança de postura.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é propor e realizar uma sequência de atividades investigativas para o estudo sobre as relações de gênero em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, numa escola municipal de Contagem/Minas Gerais. Posteriormente será discutida em que medida as atividades investigativas com ênfase em gênero podem contribuir para a mudança de atitudes sexistas nas práticas dos estudantes em relação às estudantes.

Em outras palavras, pretende-se analisar se as atividades investigativas baseadas na desconstrução dos estereótipos de gênero, e no enfrentamento às atitudes sexistas, contribuem para um novo olhar dos (as) estudantes sobre tais temáticas.

Acreditamos que o presente estudo permitirá ao integrar atividades relacionadas às questões de gênero no estudo da sexualidade na disciplina de

ciências, uma forma de viabilizar um momento para que questões tão relevantes para o (a) estudante e para a sociedade nesta temática sejam pautadas em sala de aula.

Para tanto, ao longo das atividades propostas pretende-se discutir os estereótipos de gênero enquanto construções culturais; identificar os processos que resultam na consolidação dos estereótipos de gênero; promover uma leitura de mundo para que os (as) estudantes percebam como a construção de gênero resulta em uma hierarquização dos sexos; desconstruir o processo de inferiorização da feminilidade; correlacionar o fenômeno da violência contra a mulher com a cultura sexista; discutir questões relacionadas à discriminação, preconceito e igualdade de gênero.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa proposta se fundamenta na perspectiva pós-estruturalista, a qual critica a essencialização da identidade, estabelecendo sua constituição dentro de processos de significação, representações culturais, sociais e históricas. (NOGUEIRA, 2008)

Para o pós-estruturalismo a questão central é a linguagem, a qual cria o sujeito; em outras palavras, segundo esta percepção, a

... identidade pessoal é construída na relação com o outro. Assim, o ser humano social se constrói pela palavra, pelo discurso dos outros. Ele constrói sua subjetividade a partir do que lhe é dito em suas relações com o outro. É a distinção orgânica que define a diferença entre o masculino e o feminino. Mas essa distinção se completa num sistema de relações sociais, dentro de contextos históricos, tendo como elemento fundamental a palavra, pois tudo o que é dito inscreve-se no sujeito. (PRAUN, 2011).

Os pesquisadores pós-estruturalistas como Jacques Derrida e Gilles Deleuze, defendem que é a partir da linguagem que consolidamos significados às nossas experiências sociais e, assim, constituímos as identidades. Dessa forma, fazem uma crítica aos teóricos essencialistas que acreditam em uma existência *à priori* da identidade humana, argumentando que não há possibilidade de existir um sujeito antes dos discursos que se fazem sobre ele. (CASTRO e VERGARA, 2012)

Dessa maneira para o pós-estruturalismo as identidades são construídas nas relações sociais de poder e por meio de variados discursos, de tal forma que só se faz negro diante do branco; mulher em relação com o homem; heterossexual diante do homossexual. As identidades, portanto, não são fixas, estáveis, mas construídas e (re) afirmadas na dinâmica das relações sociais. (SILVA, 2000)

Neste contexto de significado e identidades não fixos, ambos, podem, inclusive serem contraditórios. A linguagem como não é fixa, constitui-se em um lugar de variabilidade, desacordo e potencial conflito, lidando, inevitavelmente, com relações de poder e isto, inclusive, nas relações de gênero.

O conceito de gênero referenciado na pesquisa foi utilizado como analisador da realidade e das relações de poder, sendo abordado dentro da perspectiva pós-estruturalista e cunhado pelo movimento feminista contemporâneo com vistas a quebrar a ideia de essencialismo. Nesta linha de pensamento, o sexo anatômico não é elemento definidor da identidade de tal forma que o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural, e linguagens implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens nas relações de poder. (LOURO, 1997)

Neste sentido, Heilborn e Rohden (2009) discorrem que o

(...) conceito de gênero foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (HEILBORN e ROHDEN, 2009).

Tendo localizado o lugar de onde falamos no que se refere ao conceito de gênero, apresentamos a fundamentação que orientou o desenvolvimento das atividades.

Em linhas gerais, para as atividades de intervenção em sala de aula, a referência foi o ensino investigativo como agente da construção de novos conhecimentos.

Segundo Lima e Martins (2013), os processos relacionados à investigação envolvem o aprender a observar, planejar, levantar hipóteses, realizar medidas, interpretar dados, refletir, construir explicações e interagir.

Assim sendo, nas atividades de caráter investigativo, a proposição de situações-problema é que norteiam o desenvolvimento do sujeito ao longo do

processo de atribuir significados ao mundo e de confrontação de suas vivências com as dos outros (CARVALHO et al, 2012). Nesse percurso, espera-se que os sujeitos construam conhecimentos por meio da interação entre pensar, sentir e fazer; ainda há a expectativa de que tais atores desenvolvam atitudes e valores que lhes serão úteis para as tomadas de decisão. Como afirma Carvalho et al (2012), em relação às atividades orientadas pela perspectiva da investigação, nelas o

(...) aluno deixa de ser apenas um observador das aulas, muitas vezes expositivas, passando a ter grande influência sobre ela, precisando argumentar, pensar, agir, interferir, questionar, fazer parte da construção de seu conhecimento. Com isso, deixa de ser apenas um conhecedor de conteúdos, vindo a “aprender” atitudes, desenvolver habilidades, como argumentação, interpretação, análise, entre outras. (CARVALHO et al, 2012.p.24-25).

Partindo, portanto, do pressuposto de que o espaço escolar não apenas produz conhecimento, mas, também, “fabrica” sujeitos (LOURO, 1997), e que gênero é socialmente construído, considera-se neste trabalho que “essas convenções sociais podem ser transformadas, discutidas, criticadas, questionadas, modificadas em busca da equidade social entre homens e mulheres” (HELBORN e ROHDEN, 2009).

3. METODOLOGIA

De modo geral consideramos as atividades investigativas como essenciais ao processo de construção ativa do conhecimento pelo (a) estudante, uma vez que, em convergência com as palavras de Carvalho et al (2012), as atividades de investigação não limitam a ação do aluno

apenas ao trabalho de manipulação ou observação, [mas contém] (...) também (...) características de um trabalho científico: o aluno deve refletir, discutir, explicar, relatar; o que dará ao seu trabalho as características de uma investigação científica. (CARVALHO et al., p.21, 2004)

Nesse caminho, para que pudesse haver apropriação e desenvolvimento dos rituais científicos pelos (as) estudantes, tendo como objeto a temática de relações de gênero, todas as atividades foram desenvolvidas por meio de reflexão das situações apresentadas; extensão dos resultados encontrados pelo grupo em plenário e,

sobretudo, ao estímulo de construção de argumentos a partir da análise crítica das vivências pautadas, em cada encontro.

Dentro de uma perspectiva investigativa procuramos nortear as atividades para corroborar com a resposta da pergunta central da pesquisa, que é descobrir em que medida as atividades investigativas com ênfase em gênero, contribuiriam para a mudança de atitudes sexistas nas práticas dos estudantes em relação às estudantes.

Segundo Louro (1997), a intervenção para uma prática educativa não sexista demanda uma atitude de observação e de questionamento. Segundo a mesma autora:

(...) As desigualdades só poderão ser percebidas – e desestabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas (LOURO, 1997, p.121)

Com esse olhar de atenção às experiências e entendendo que a verbalização é fundamental para a construção e reconstrução de conceitos, optamos na escolha de atividades que proporcionassem o debate, a reflexão e a troca de opiniões.

Assim, utilizando atividades orientadas sob a perspectiva investigativa, a pesquisa foi realizada numa escola municipal da cidade de Contagem, em uma turma de 8º ano do ensino fundamental.

Participaram 20 estudantes, sendo 11 meninas (nove com 13 anos e duas com 14 anos) e 09 meninos (sete com 13 anos e dois com 14 anos).

As atividades foram desenvolvidas no horário regular da aula, utilizando aula compartilhada de sexualidade já prevista no currículo da escola, com a participação da professora que aplicou as atividades e a professora que observou as atividades.

Foram utilizadas duas ferramentas para obtenção de dados, sendo a primeira a aplicação de dois questionários: o primeiro, diagnóstico, aplicado antes das oficinas e, o segundo, avaliativo, a fim de se verificar se houve alteração na percepção dos estudantes após a realização das atividades/oficinas propostas.

A segunda ferramenta de obtenção de dados constitui-se no registro das opiniões, reflexões e análises esboçadas pelos (as) alunos (as) ao longo das situações exploradas por cada atividade.

O registro dos acontecimentos foi feito pela professora que observou as atividades, pelos próprios estudantes e, ainda, pela professora que aplicou as atividades ao final de cada encontro.

No que diz respeito especificamente ao questionário, este contou com cinco questões abertas e uma questão fechada (anexo 1). Para realização das análises das questões tanto das abertas quanto das fechadas, foram consideradas situações que possibilitassem aos participantes externarem suas posturas frente a situações que resultam em práticas sexistas.

Com as questões fechadas foi possível quantificar através de cálculo estatístico descritivo a visão sexista apresentada pelo grupo. As questões abertas, por sua vez, proporcionaram analisar aspectos convergentes e divergentes das respostas dadas às questões fechadas.

Com a análise do questionário foi possível planejar quais seriam as atividades mais indicadas para contribuir com a desnaturalização dos papéis sociais de gênero construídos pelo grupo.

No que se refere às atividades, para a sequência didática foram elaborados oito encontros, ao longo dos quais buscou-se viabilizar que os (as) participantes manifestassem seus conflitos e reflexões, articulando as subjetividades permitindo que todas (os) expressassem suas opiniões sem constrangimento, corroborando para ressignificar as relações de gênero concebidas pelo grupo. A sequência realizada foi a seguinte:

Atividade 1 – Desenhando os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher (1)

Atividade 2 – Um conceito chamado gênero;

Atividade 3 – Invertendo os papéis sociais de Gênero;

Atividade 4 – Reações masculinas e femininas;

Atividade 5 – Uma história de desamor;

Atividade 6 – Construção social de Gênero;

Atividade 7 – Retomando o conceito de Gênero;

Atividade 8 – Desenhando os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher (2)

Estas atividades assim como a dinâmica desenvolvida nas mesmas serão descritas na seção seguinte.

4. DESCRIÇÃO, RESULTADOS E DISCUSSÃO DAS ATIVIDADES

A partir da realização de cada atividade esperava-se que os (as) estudantes percebessem como são construídos os estereótipos de gênero, compreendessem o fenômeno da violência contra a mulher, identificassem o processo de inferiorização da feminilidade, compreendessem a construção social do gênero e que como resultado disso houvesse uma mudança na postura sexista.

De acordo com Vygotsky (1999) o significado das palavras coincide com o processo de formação de conceitos. Na formação e evolução dos conceitos a forma como se estrutura o desenvolvimento da aula influencia diretamente no resultado final. E para que, no planejamento, fosse contemplada a formação do conceito pretendido, estabelecemos momentos em que o conceito espontâneo interagisse com o conceito científico para adquirir significado e função.

Portanto, a ideia de construção do processo de formação de conceitos sendo formalizada pelo caráter dialógico e social, envolvendo atitude crítica e ativa (Bakhtin/Volochinov, 1997), torna essencial o uso de atividades que explorem a verbalização para propiciar momentos que o (a) estudante expresse suas ideias e estabeleça o ressignificado de um conceito.

Partindo dessa premissa, as atividades propostas na sequência didática, contemplaram, também, a articulação das frentes teóricas de Vygotsky e Bakhtin/Volochinov. Acreditamos que as vivências do (a) estudante aliada às práticas dialógicas mediadas por situações de investigação, viabilizam o ressignificado do conceito, contribuindo para mudanças de atitudes ligadas às relações de gênero, que é o foco das atividades que foram aplicadas.

O objetivo geral das oficinas contempladas na sequência didática foi desnaturalizar os papéis sociais atribuídos às relações de gênero.

4.1. Oficina 1 e oficina 8 – Desenhando os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher.

Nesta atividade foi proposto ao grupo que desenhasse em uma folha de ofício os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres baseado na visão de cada

um (a) (anexo 2). O objetivo era que o (a) discente externasse a sua construção dessa relação.

Para análise da pesquisa resolvemos aplicar esta atividade no início e ao final do trabalho, com o objetivo de perceber se houve mudança de concepção após a realização das atividades propostas.

No grupo das 11 meninas, foi percebido que duas meninas não entregaram os dois desenhos e duas meninas só entregaram o último.

Na análise dos desenhos das meninas ficou evidenciada, na Oficina 1, a postura sexista hegemônica. O homem saindo para trabalhar e ocupando cargos de destaque e as mulheres com tarefas do cuidado, com atribuições domésticas e, quando fora do domicílio, foram espelhadas no ofício de professora. Tais resultados corroboram com a construção histórica do papel social da mulher em que

“... a escola é primordialmente, um lugar de atuação das mulheres – elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas. Além disso, os discursos pedagógicos (as teorias, a legislação, a normatização) buscam demonstrar que as relações e as práticas escolares devem se aproximar das relações familiares, devem estar embasadas em afeto e confiança. [...] a ação deve guardar, semelhanças com a ação das mulheres no lar, como educadoras de crianças e adolescentes”. (LOURO, 1997, p.88)

Na análise do desenho realizado pelas meninas ao longo da Oficina 8, última oficina, nove meninas desenharam os papéis atribuídos socialmente para as mulheres como função para os homens. Observamos com predominância nos desenhos, os homens cuidando da casa. Somente uma aluna desenhou as atribuições sendo compartilhadas entre homens e mulheres, como por exemplo, os dois fazendo juntos os afazeres domésticos. Percebemos que as meninas se colocaram no “lugar” ocupado pelo homem, ou seja, inverteram os papéis.

Passando agora para a análise dos desenhos elaborados pelos meninos, um não entregou nenhum dos desenhos e dois só fizeram o desenho da Oficina 8. Os demais realizaram toda a tarefa solicitada.

Na análise do primeiro desenho, os meninos, semelhantemente às meninas, atribuíram papéis sociais para as mulheres do “cuidado”. A profissão em destaque para as mulheres foi a de professora, para os homens advogado, motorista e jogador de futebol.

No desenho realizado pelos meninos ao longo da Oficina 8 (anexo 3), cinco meninos atribuíram para as mulheres trabalhos como pedreira, policial e motorista de ônibus. Para três meninos os papéis deveriam ser compartilhados e desenharam situações dos dois juntos brincando de futebol, de boneca, de casinha e cuidando dos filhos. Para um aluno os afazeres domésticos foram atribuídos somente para mulheres. Para as atribuições masculinas cinco relacionaram afazeres domésticos para os homens, dois colocaram as atribuições compartilhadas com as mulheres e uma atribuição de papéis já estabelecidos como motorista e pedreiro.

4.2. Oficina 2 – “Um conceito chamado gênero”

Já aqui, a atividade apresentada aos alunos, foi uma situação-problema: “Podemos ampliar o conceito de gênero para além do masculino e feminino?”. O objetivo da atividade foi conceituar gênero e identidade de gênero, refletir sobre os aspectos da socialização feminina e masculina que transformam as diferenças entre homens e mulheres em desigualdade.

Para responder à pergunta ocorreu muita discussão e questionamentos, o que possibilitou o começo da construção do conceito.

Neste contexto, como afirma Carvalho et al (2004), as atividades investigativas faz o (a) estudante,

...sair de uma postura passiva e começar a perceber e a agir sobre o seu objeto de estudo, relacionando o objeto com o acontecimento e buscando as causas dessa relação, procurando, portanto, uma explicação causal para o resultado de suas ações e/ou interações. (CARVALHO ET AL, 2004).

Para construção do conceito de gênero foi considerada a visão pós estruturalista aliada ao movimento feminista conforme explicitado no referencial teórico.

Nesta oficina (anexo 4) algumas questões foram levantadas: o que é ser mulher e ser homem, em quais espaços sociais estão as mulheres e os homens; em quais situações um (a) adolescente se sente discriminado ou discriminada pelo fato de ser mulher ou ser homem, como e onde se aprende qual deve ser o comportamento de uma mulher ou de um homem?

Para a atividade foram utilizados o quadro da sala de aula e um desenho de uma árvore (anexo 5). Foi proposto aos participantes, na primeira parte da atividade, que falassem tudo que viessem à cabeça sobre a palavra mulher, e na medida em que foram falando, a professora pesquisadora escreveu no quadro abaixo da palavra mulher. O mesmo aconteceu para a palavra homem.

Após leitura das características listadas, foram trocadas as posições da palavra homem com a da palavra mulher. Essa inversão na posição das palavras acalorou ainda mais o debate entre o grupo, contudo, no final perceberam que a maioria das características antes listadas para cada um, podia ser atribuída aos dois. Perceberam também que as características que não podiam ser atribuídas aos dois sexos estão ligadas à parte biológica. Gastou-se uma hora para essa parte da discussão.

Na segunda parte da atividade, utilizamos o desenho da árvore e nela fomos colando as fichas que os (as) participantes escreveram sobre as informações que foram transmitidas para eles e elas na infância, sobre o que é ser menino e ser menina.

Depois que foram coladas todas as fichas na raiz da árvore, separando do lado esquerdo para as características das meninas, ficando os meninos com o lado direito para suas características. Através de discussão e reflexão das informações explicitadas pelo grupo nas fichas, chegou-se à conclusão de que os adultos, a família e a sociedade é que são os responsáveis por passar essas informações.

Entenderam que todas as situações direcionam a separação de papéis entre o masculino e feminino, naturalizando o machismo e a submissão feminina. Concluíram que devem sempre analisar as ações para não reproduzirem o sexismo.

4.3. Oficina 3 – Invertendo os papéis sociais de Gênero

O objetivo dessa oficina (anexo 6) foi o de refletir sobre os papéis sexuais e os estereótipos vigentes em nossa cultura, através de cenas criadas a partir de um tema entregue a cada grupo, utilizando-se da inversão de papéis entre meninos e meninas.

Os (as) participantes foram divididos em cinco grupos, cada um recebeu um assunto para explorar o papel da mulher e do homem. Para isso discutiram, analisaram, refletiram e fizeram uma síntese em forma de uma cena.

O tema (1) foi a relação marido e mulher. O grupo montou uma cena onde o homem fazia os afazeres domésticos e a mulher de folga reclamava o tempo todo, de tudo.

O tema (2) foi a educação dos filhos. Na cena apresentada o menino que fez o papel da mulher, porém, uma mulher autoritária que gritava, esbravejava e não admitia que o marido desse nenhuma opinião.

O tema (3) foi o namoro. Para a cena o assunto em pauta foi a gravidez não planejada e a pressão sofrida pela menina (vivida pelo menino) na situação.

O tema (4) foi o trabalho, para a cena foi construída uma situação em que a esposa (representada por um menino) se dedica aos afazeres da casa, após exaustivo dia de tarefas profissionais fora do lar, enquanto o marido (representado por uma menina) descansava despreocupadamente.

O tema (5) foi o relacionamento sexual. Foi encenada a situação em que o marido (uma menina) aborda a parceira (uma menina) em um bar, enquanto esta se descontraí com as amigas. Argumenta com autoridade que ela deveria estar em casa cuidando dos seus afazeres domésticos, "próprios de uma mulher", e não se divertindo em bar "como se fosse um homem".

Em todas as encenações ficaram evidente como os (as) participantes reproduzem a submissão da mulher e o poder de decisão do homem. Na cena em que se retratou a criação dos filhos, durante a reflexão sobre a mesma, o menino afirmou que não se sentiu fazendo o papel da mulher e a menina disse que se sentiu "menor" e sem autoridade. Chegou-se ao consenso que o diálogo deve ser explorado em detrimento ao autoritarismo. Durante as falas pode-se perceber que o discurso mudou, mas a prática não. Fato observado quando um aluno afirmou que o homem deve sempre dá a palavra final.

Para a finalização da oficina, na avaliação por parte das meninas, foi fácil e muito bom fazer o papel dos meninos, já os meninos encontraram dificuldades e acharam ruim. A conclusão que chegaram é que os meninos têm introjetados, fruto de uma sociedade preconceituosa, privilégios que os propiciem a se sentirem fortes e com poderes sobre as meninas.

Dentro da perspectiva de investigação observamos que o (a) participante necessitou fazer uma articulação entre o que concebia como resposta da situação problemática com a resposta do grupo. O debate e a reflexão da discussão proporcionaram o desenvolvimento de argumentos, a comunicação das ideias e reformulação do conceito.

4.4. Oficina 4 – Reações masculinas e femininas

Nesta atividade o objetivo foi analisar a maneira pela qual o fato de ser homem ou mulher afeta as reações das pessoas e por consequência suas relações.

Os (as) participantes foram divididos em seis grupos e cada um recebeu uma situação-problema (anexo 7) para discutirem. Após a discussão, apresentaram uma solução para a situação em forma de uma dramatização.

Esta oficina foi bastante polêmica. A visão sexista ficou evidenciada na fala dos (as) participantes, que tentaram esconder essa prática nas encenações, porém na hora da argumentação diante das perguntas que foram emergindo, o padrão hegemônico ficou evidente.

A maior parte dos estudantes ficou relutante com a cena do Samuel comprando uma boneca para o irmão. E uma menina afirmou que “boneca é coisa de menina, não combina com menino”. A cena em que a menina procura o menino e o convida para sair, também gerou bastante discussão, pois colocaram que “esse tipo de menina fica mal falada”, porém um menino disse que quando “a menina o procura facilita, pois não leva um ‘fora’”. A cena em que uma mulher grávida decide após o nascimento do bebê retornar ao trabalho, um dos participantes disse: - “a mãe não pode abandonar o filho e o papel dela é tomar conta do filho”.

Para finalização da atividade fizemos o contraponto entre “o modo que sou criado ou criada” e o “papel construído” a partir dessa interação, para que os (as) participantes refletissem a construção do padrão sexista repetido em suas posturas.

4.5. Oficina 5 – Uma história de desamor

O objetivo em uma história de desamor foi identificar os diferentes tipos de violência, refletir sobre as particularidades dessas e perceber que elas estão presentes na maioria das vezes, nas famílias e nos relacionamentos íntimos.

As questões sugeridas na oficina para serem respondidas (anexo 8), foram todas contempladas no momento de discussão e reflexão do grupo.

No primeiro momento com duração de uma hora, cada grupo, num total de quatro, recebeu a atribuição de escreverem a definição de violência. Somente um grupo conseguiu construir o conceito, os outros deram apenas exemplos, entenderam como definição. Após a leitura das definições, discutimos o artigo 5º da Lei Maria da Penha e a questão da violência contra a mulher negra.

No fechamento da primeira parte, um menino argumentou que também o homem sofre violência. Neste momento discutimos em quais situações a violência do homem acontece e comparamos com a situação da violência contra a mulher.

No segundo momento com duração de uma hora, foi entregue a cada grupo uma mesma história sobre violência dividida em três partes (anexo 9). A cada parte recebida, os (as) participantes, após discussão responderam a pergunta escrita no final de cada fragmento da história.

Alguns grupos tiveram dificuldades em responder as perguntas dentro do tempo estipulado. Na apresentação das respostas feitas por cada grupo, a conversa ficou centralizada em situações de casos que eles (as) tinham ouvido falar ou vivenciada no grupo familiar.

Durante a atividade, surgiram questionamentos dos participantes do tipo: “a mulher é um objeto que pertence ao homem?”; “porque o homem acha que ele é dono da mulher?”; “o que leva ao homem achar que são os donos do poder?”. Isso tornou o debate mais intenso e bem produtivo.

Daí pôde-se perceber, sobretudo, como as interações discursivas mobilizaram os (as) participantes para conquista de grandes significados.

4.6. Oficina 6 – Construção social de Gênero

O objetivo da atividade foi obter por meio das discussões novos discursos e novas formas de atuação no que diz respeito às relações de gênero.

Na primeira parte da atividade com duração de uma hora, os (as) participantes foram divididos em dois grupos e foi atribuído para cada um, uma tarefa. O grupo 1 escreveu as vantagens em ser mulher e o grupo 2 escreveu as vantagens em ser homem.

Na leitura das vantagens listadas por cada grupo houve muita discussão. Chegaram ao consenso de que muitas das vantagens listadas às mulheres poderiam se estender aos homens. Em contrapartida as vantagens listadas aos homens reforçavam a prática sexista sustentada pela sociedade.

O ponto alto da discussão se deu quando a professora pesquisadora sugeriu que listassem as vantagens atribuídas ao homem que poderiam ser passadas para as mulheres. O momento foi de engessamento machista, mesmo que inconsciente, pois os meninos não concordaram que a palavra autoridade fosse atribuída às mulheres.

No contexto acima, a palavra autoridade na construção dos meninos significa “mandar” e “ter poder”. Para eles conforme verbalizado, nem tudo pode passar para as mulheres e então uma menina os questionou dizendo: - “Se vocês fossem mulheres gostariam de ter essa vantagem?”, todos disseram que sim.

Na segunda parte da oficina com duração de uma hora, foi discutida a construção histórica da hegemonia masculina e como essa cultura ainda está vigorando nos dias de hoje. Os textos sugeridos na oficina (anexo 10), “O mito da superioridade masculina” e “A luta da mulher por seus direitos”, muito contribuíram para a conclusão do debate.

Foi apresentada na discussão final a diferença entre estabelecer a posição de autoridade e autoritarismo, para consolidar o aprendizado pontuado na primeira parte da oficina e a desconstrução do padrão hegemônico. Foi sugerido também usar da empatia sempre que for assumir posturas que por ventura possam colocar o outro ou a outra em situação de desigualdade e inferioridade.

4.7. Oficina 7 – Retomando o conceito de Gênero

Nesta oficina retomamos ao conceito de gênero porque percebemos que os (as) participantes ainda não tinham entendido o conceito.

Para a atividade dividimos dois grupos e pedimos aos mesmos que escrevessem na folha em branco que receberam o conceito de gênero. Foi esclarecido que antes de finalizar o conceito elaborado pelo grupo, deveriam discutir analisar e refletir todas as ponderações dos colegas.

Após discussão e elaboração do conceito, todos os grupos expuseram para os demais, através de leitura, os conceitos construídos.

Os (as) participantes tiveram muita dificuldade em elaborar o conceito, somente um dos grupos conseguiu. A professora de português da turma salientou que o grupo tem muita dificuldade de interpretação e produção gráfica.

Para fechamento foram colocadas algumas perguntas com intenções de consolidar o conceito e avaliar se o grupo incorporou mudanças nas suas práticas. Foi perguntado como as relações entre homens e mulheres devem ser tratadas, como o homem e a mulher devem se colocar diante das situações vividas, o que eles e elas acham dos estereótipos criados para homens e mulheres, o que são práticas sexistas e como elas influenciam na desigualdade?

O conceito elaborado pelos (as) participantes foi escrito da seguinte forma: “*É um conceito que define o agir de um homem e uma mulher, baseado no contexto social, cultural que eles vivem*”, ou seja, a relação que mantêm com o meio.

Utilizando lógica semelhante de exposição dos dados, apresentaremos ao longo da Seção 5 a descrição das questões e apresentação dos dados obtidos por meio dos dois questionários aplicados.

5. DESCRIÇÃO E RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

5.1 QUESTÕES 1, 2, 3

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

No que diz respeito à questão 1, que solicitava ao estudante que se posicionasse em relação à frase: “Mulheres que andam com roupas curtas

estão mais sujeitas a sofrer violência ou assédio sexual”, utilizando pelo menos dois argumentos, seis meninas (54,54%) responderam que as mulheres que usam roupas curtas não estão mais sujeitas a sofrer violência ou assédio sexual.

Elas argumentaram que os homens estão praticando violência e assédio com qualquer mulher, independente da roupa que esteja usando. Comentaram sobre a violência que também acontece com crianças e afirmaram que é de direito vestirem o que quiserem e não serem agredidas.

Por outro lado, quatro meninas (36,36%) responderam que a roupa influencia o assédio ou a violência sexual. Argumentaram que mulheres que se vestem assim *“estão querendo aparecer”*; *“que os homens pensam que mulheres com roupas curtas estão disponíveis ou se oferecendo”*; *“elas provocam os homens”*; *“os homens sentem mais desejos e acabam cometendo a violência”*.

No total, somente uma menina (9,09%) não respondeu à essa questão.

Quanto às respostas dos meninos, para quatro deles (44,44%) a roupa curta influencia a questão da violência. Justificaram que a mulher *“está se oferecendo”*, *“quer se mostrar para os outros”* e que os homens *“perdem a cabeça”*.

Dois alunos (22,22%), por sua vez, responderam que não e argumentaram que nenhum motivo justifica usar a violência e que a mulher tem o direito de vestir o que quiser. Três alunos (33,33%) não responderam a essa questão.

Passando agora para a análise da questão 2, que questionava os estudantes se, na opinião deles, haveria **profissões mais adequadas para homens, e profissões mais adequadas para mulheres**, quatro meninas (36,36%) responderam que sim, justificando que há profissões que são específicas para homens porque precisa de grande esforço físico, e trabalhos que requerem organização são mais indicados para mulheres.

Ao contrário do grupo anterior, sete meninas (63,63%) afirmaram que não existe profissão mais adequada, que todos e todas podem ocupar qualquer cargo e a escolha vai depender de cada um (a).

Na avaliação dos meninos, cinco (55,55%) acham que sim e justificaram dizendo que trabalho pesado é para homem e que existem trabalhos mais adequados para as mulheres. Um aluno (11,11%) afirmou que não tem profissão mais adequada e que qualquer pessoa tem a capacidade de fazer qualquer trabalho. Três alunos (33,33%) não responderam.

Em relação à questão 3, **que procurava saber se o estudante considerava justo o fato de mulheres e homens, que estejam ocupando a mesma função, receberem salários diferentes**, obteve-se um total de 100% das meninas respondendo que não é justo ter salários diferenciados, quando ocupando a mesma função, justificando que os direitos devem ser iguais para todos e todas.

No caso dos meninos, um total de seis (66,66%) afirmaram que não, e acham que o salário deve ser o mesmo. Para um (11,11%) a resposta foi sim, mas não soube justificar. E dois (22,22%) não responderam.

A seguir são apresentados, em forma de gráfico, os resultados até então descritos das três questões propostas no questionário na sua primeira aplicação, isto é, no momento do diagnóstico sobre a percepção dos estudantes em relação a questões de gênero.

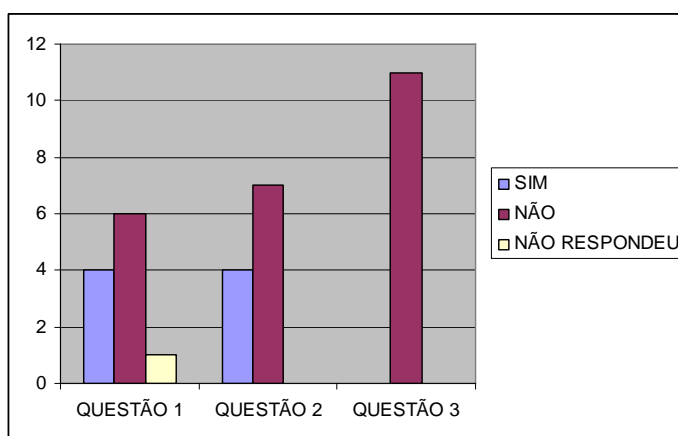


Gráfico das respostas das meninas – questionário diagnóstico

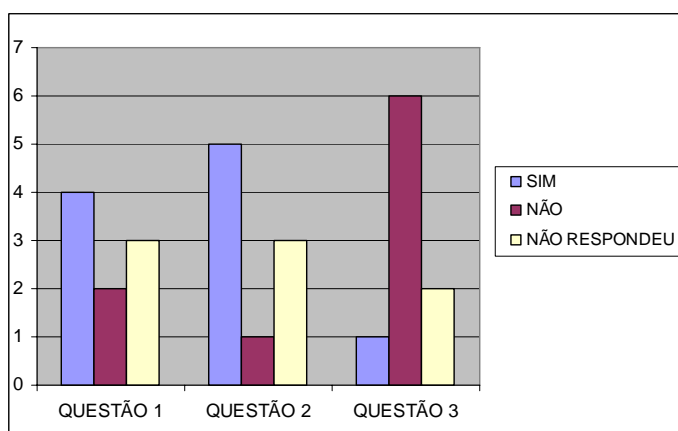


Gráfico das respostas dos meninos – questionário diagnóstico

5.1 QUESTÕES 1, 2, 3

QUESTIONÁRIO FINAL

Após a realização das atividades, foi aplicado um “questionário final”, contendo as mesmas questões do anterior, com o objetivo de se verificar se houve alterações nas concepções dos estudantes.

Desse modo, no que se refere à primeira questão, obteve-se um total de seis meninas (54,54%) que acreditam que as mulheres que andam com roupas curtas estão mais sujeitas à violência. Fundamentaram a resposta com o argumento de que a roupa curta deixa a mulher mais vulnerável à violência. Quatro meninas (36,36%) responderam que não e justificaram que homens também “abusam” de mulheres com roupas comportadas. Uma menina (9,09%) não respondeu.

Para essa mesma questão, obteve-se que seis meninos (66,66%) acreditam que a roupa curta favorece a violência, pois o corpo fica muito exposto e o homem “sente muito prazer em ver”, um dos meninos afirmou que infelizmente a violência acontece, mas que não concorda com esta postura. Dois alunos (22,22%) não responderam.

Quanto à questão 2, nove meninas (81,81%) registraram que não concordam que exista profissão mais adequada para mulheres e homens, justificando que todos e todas têm o direito de escolher qual profissão mais agrada. Duas meninas (18,18%) responderam que sim e argumentaram que tem trabalhos mais indicados para homens.

Para cinco meninos (55,55%), há profissões mais adequadas para mulheres, devido a sua fragilidade. Três meninos (33,33%) acreditam que as profissões podem ser praticadas por qualquer pessoa seja homem ou mulher.

Passando agora para a questão 3, todas as meninas e sete meninos (77,77%) não concordam que haja diferença no salário realizando a mesma função. Um (11,11%) afirmou que concorda que o homem receba salário mais alto.

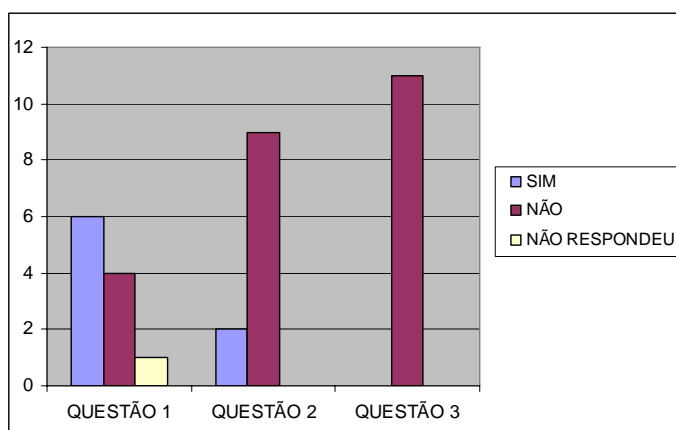


Gráfico das respostas das meninas – questionário final

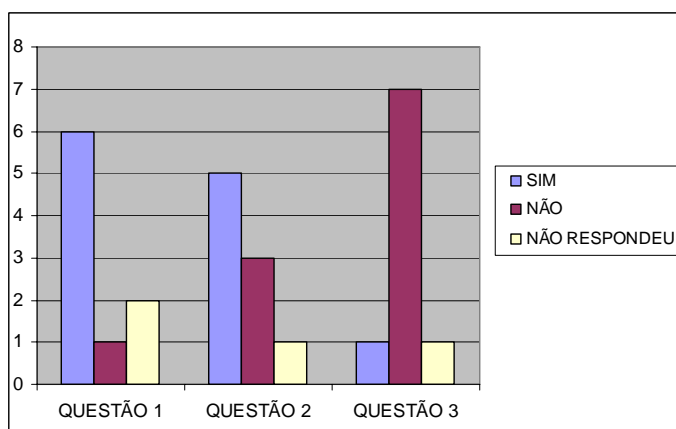


Gráfico das respostas dos meninos – questionário final

5.2 QUESTÃO 4

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Passando agora para a análise da questão quatro do questionário, apresentamos sua estrutura abaixo e, em seguida, inserimos os gráficos e a descrição das respostas obtidas.

Questão 4 : Leia as frases a seguir e, conforme sua opinião escreva:

- C, se concorda totalmente com a afirmativa;
- P, se concorda parcialmente com a afirmativa;
- N, se não concorda com a afirmativa.

- A () Mulher no volante perigo constante.
 B () Homem que é homem não chora.
 C () A responsabilidade da gravidez é do menino e da menina.
 D () Gênero se refere ao masculino e feminino.
 E () Toda mulher quer ser mãe.
 F () Tanto meninos quanto meninas jogam futebol com a mesma qualidade.
 G () Homens e mulheres têm direitos iguais.

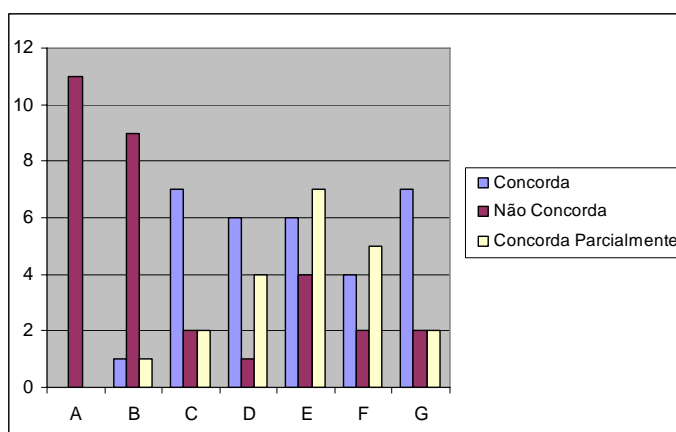


Gráfico das respostas das meninas – questionário diagnóstico

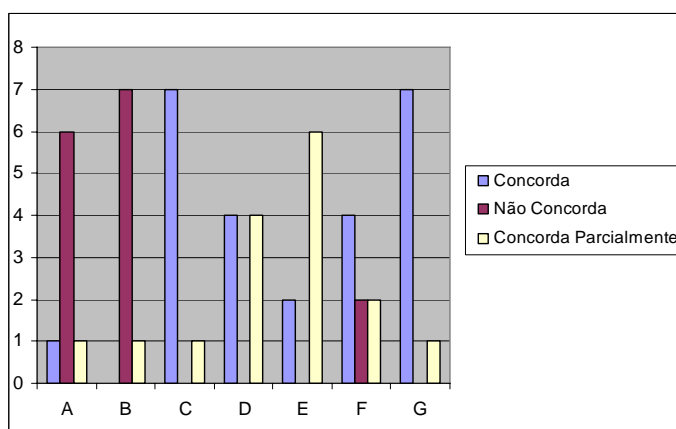


Gráfico de respostas dos meninos – questionário diagnóstico

Como se percebe no registro dos gráficos, na letra A todas as meninas (100%) e seis meninos (75%) responderam que não concordam com a afirmativa. Um menino (12,5%) concorda parcialmente e um (12,5%) concorda totalmente.

Para a letra B nove meninas (81,81%) e sete meninos (87,5%) responderam que não concordam. Uma menina (9,09%) e um menino (12,5%) concordam parcialmente.

Para a letra C sete meninas (63,63%) e sete meninos (87,5%) concordam totalmente. Duas meninas (18,18%) não concordam e uma menina (9,09%) e um menino (12,5%) concordam parcialmente.

Para a letra D seis meninas (54,54%) e quatro meninos (50%) concordam com a afirmativa. Quatro meninas (36,36%) e quatro meninos (50%) concordam parcialmente. Somente uma menina (9,09%) não concorda.

Para a letra E sete meninas (63,63%) e seis meninos (75%) concordam parcialmente; quatro meninas (36,36%) não concordam e dois meninos (25%) concordam totalmente.

Para a letra F duas meninas (18,18%) e dois meninos (25%) não concordam; cinco meninas (45,45%) e dois meninos (25%) concordam parcialmente; quatro meninas (36,36%) e quatro meninos (50%) concordam totalmente com a afirmativa.

Para a letra G sete meninas (63,63%) e sete meninos (87,5%) concordam totalmente; duas meninas (18,18%) e um menino (12,5%) concordam parcialmente; duas meninas (18,18%) não concordam com a afirmativa.

5.2 QUESTÃO 4

QUESTIONÁRIO FINAL

Concernente à questão quatro, apresentamos abaixo o gráfico a ela correspondente, bem como a descrição dos dados obtidos.

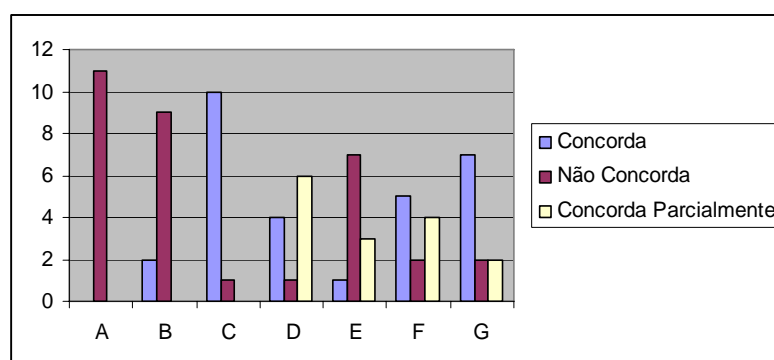


Gráfico das respostas das meninas. – questionário final

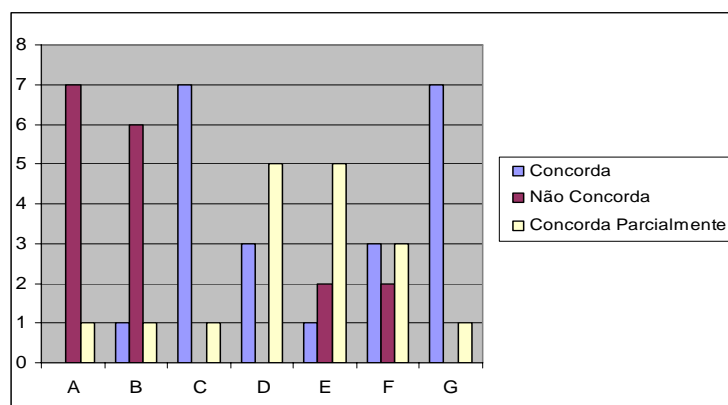


Gráfico das respostas dos meninos. – questionário final

Para a letra A todas as meninas (100%) e sete meninos (87,5%) responderam que não concordam com a afirmativa. Um menino (12,5%) concorda parcialmente.

Para a letra B nove meninas (81,81%) e seis dos meninos (75%) responderam que não concordam. Duas meninas (18,18%) e um menino (12,5%) concordaram parcialmente, um menino (12,5%) não concordou com a afirmação.

Para a letra C dez meninas (90,90%) e sete meninos (87,5%) concordam totalmente. Uma menina (9,09 %) não concordou e um menino (12,5%) concordou parcialmente.

Para a letra D seis meninas (54,54%) e cinco meninos (50%) concordaram parcialmente. Quatro meninas (36,36%) e três meninos (37,5%) concordam. Somente uma menina (9,09%) não concordou.

Para a letra E quatro meninas (36,36%) e três meninos (37,5%) concordaram parcialmente; duas meninas (18,18%) e dois meninos (25%) não concordaram; cinco meninas (45,45%) e três meninos (37,5%) concordaram totalmente..

Para a letra F duas meninas (18,18%) e dois meninos (25%) não concordam; cinco meninas (45,45%) e três meninos (37,5%) concordaram totalmente; quatro meninas (36,36%) e três dos meninos (37,5%) concordam parcialmente com a afirmativa.

Para a letra G sete meninas (63,63%) e sete meninos (87,5%) concordam totalmente; duas meninas (18,18%) e um menino (12,5%) concordam parcialmente; duas meninas (18,18%) não concordam com a afirmativa.

5.3 QUESTÃO 5

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

A pergunta cinco, penúltima questão que é aberta, traz a contradição e pede para os estudantes tentarem explicar por que muitas mulheres, após serem agredidas por seus companheiros, continuam a manter um vínculo de relacionamento com estes sujeitos.

Como resposta a essa questão, no questionário diagnóstico as meninas responderam que na maioria dos casos, as mulheres são ameaçadas, temem pelos filhos e por medo acabam suportando a violência, pois se elas denunciarem não terão a garantia de que a polícia irá protegê-las. Acreditam também que algumas mulheres “acham” que o parceiro vai mudar sua postura. Para duas meninas a mulher precisa se valorizar, denunciar e fazer valer a “Lei Maria da Penha”.

Para os meninos as mulheres são ameaçadas e temem pela segurança dos filhos. Um afirmou que é pelo dinheiro e outro comentou que *“tem mulher que gosta de apanhar”*. Para dois meninos a denúncia tem que ser registrada e que - *“homem que bate em mulher deve ser preso”*.

5.3 QUESTÃO 5

QUESTIONÁRIO FINAL

No que se refere às respostas a essa questão, no questionário final, as meninas, em sua maioria, afirmaram que as mulheres são ameaçadas, têm medo de serem assassinadas, preocupam-se com os filhos. Duas argumentaram que a mulher não deixa o parceiro por amor.

Para os meninos o medo e a ameaça são o maior problema. E que cada mulher “escolhe a vida que quer levar”.

5.4 QUESTÃO 6

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Finalmente, na questão seis, foi transcrito um texto de um jornal, devidamente adaptado, cujo cerne referia-se a casos de violência contra a mulher. Foi solicitado aos estudantes que se posicionassem em relação a notícia:

Nesta terça-feira (24), uma mulher grávida foi agredida pelo marido após se recusar a ter relações com ele, em Vespasiano, na região metropolitana de Belo Horizonte. Na semana anterior, um homem matou a esposa, de 48 anos, na Zona da Mata, após descobrir que era traído. No mês anterior, outra mulher morreu assassinada após ter agredido fisicamente um homem,, durante uma briga.

Só em Minas, aproximadamente 17 mulheres são mortas por dia, segundo os dados divulgados nesta quarta-feira (25) pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea). Ainda segundo o estudo divulgado, a maioria das vítimas é de mulheres jovens e negras.

Nas respostas ao questionário diagnóstico, para as meninas as mulheres precisam escolher melhor os seus parceiros, lutar pelos direitos de igualdade, pedir garantias que a “Lei Maria da Penha” seja realmente aplicada exigindo do País mais rigor com a mesma. Uma menina afirmou que os agressores “estão precisando de Deus”.

Na opinião dos meninos os homens que praticam esse tipo de violência são covardes e loucos, merecem estarem presos e, em contrapartida, que as autoridades que gerenciam a segurança sejam mais atuantes nesses casos.

5.4 QUESTÃO 6

QUESTIONÁRIO FINAL

Nas respostas ao questionário final, para as meninas, mulher nenhuma pode ser agredida e, que conversar para resolver o problema sem violência é o caminho. “Para os homens a mulher é objeto deles e isso está errado, devem falar com a polícia”, explica uma aluna. Uma menina considera importante a atuação do governo para diminuir a violência contra a mulher.

Os meninos consideram que a mulher precisa escolher melhor seus parceiros. Mas também argumentaram que homem nenhum tem o direito de praticar violência contra a mulher, mesmo sendo traídos. O ideal é divorciar ou separar.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos a discussão dos resultados obtidos nos questionários e da observação das oficinas. Para facilitar a organização da discussão delimitamos: (6.1) a metodologia utilizada no processo de construção do conhecimento; (6.2) a desconstrução dos estereótipos de gênero e o sexismo; (6.3) a visão da professora observadora das atividades.

6.1 A metodologia utilizada no processo de construção do conhecimento

Ao final das atividades da pesquisa, que englobaram a aplicação de 40 questionários, análises de oito oficinas num período de três meses, tínhamos muitas informações para analisarmos e o nosso objetivo foi analisar a contribuição das atividades investigativas em relação às questões de gênero.

A aplicação dos questionários aliado às discussões nas atividades, favoreceram dentro das duas perspectivas, uma visão maior para validar as análises. Pois, a verbalização do (a) participante foi confrontada com a escrita.

O questionário inicial foi utilizado para coletarmos dados da percepção que o (a) participante tinha a respeito das relações de gênero, principalmente quanto ao papel atribuído para homens e mulheres visto como “natural” nessas relações. As questões foram elaboradas para problematizar essa relação e confrontar o resultado com as observações iniciais feitas pela professora que aplicou as atividades.

É fundamental para construção ou reconstrução de um conceito a forma como se estrutura a atividade, conhecer “como fazer” é imprescindível, como explicita Carvalho (2004):

Não basta o professor *saber* que aprender é também apoderar-se de um novo gênero discursivo, ele também precisa *saber fazer* com que seus alunos aprendam a argumentar, isto é, que eles sejam capazes de reconhecer às afirmações contraditórias, as evidências que dão ou não suporte às afirmações, além da capacidade de integração dos méritos de uma afirmação. Eles precisam *saber criar* um ambiente propício para que os alunos passem a refletir sobre seus pensamentos, aprendendo a reformulá-los por meio da

contribuição dos colegas, mediando conflitos pelo diálogo e tomando decisões coletivas. (CARVALHO ET AL, p.9, 2004)

Pensamos em um ambiente acolhedor e em atividades investigativas que favorecessem os pressupostos de Carvalho, “saber fazer” e “saber criar”. No ambiente acolhedor escolhemos uma sala que facilitou a movimentação da mobília para adequar às atividades e para as apresentações das cenas, o auditório. Nas atividades investigativas exploramos situações–problemas motivando a busca da resposta, a análise da própria concepção esclarecendo se a mesma é pertinente ou não e a produção de novos argumentos a partir da troca de vivências com o grupo mediado pela professora pesquisadora.

Para a investigação é de suma importância externar oralmente o que entende do conceito e, portanto a linguagem como afirma Louro (1997):

... é seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural” [...] No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças. (LOURO, p.65, 1997)

Entendendo que a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros (Louro), sendo fundamental também para a construção de novos modelos, optamos por usar atividades que proporcionassem o uso frequente da mesma. A ideia foi a todo o momento durante as atividades, apresentar novas perguntas para suscitar mais respostas, mais reflexão e mais discussão. Com essa dinâmica proporcionada pelas oficinas, a investigação por parte dos (das) participantes ficou mais intensa e produtiva.

Percebemos que as atividades investigativas possibilitaram que os (as) participantes se envolvessem num ambiente mais propício para a construção de conceitos. Através das trocas de experiências, da busca de respostas para as situações, do planejamento, da discussão e da produção das encenações propostas em algumas atividades, o (a) participante pôde demonstrar a concepção que tinha do conceito explorado.

6.2 A desconstrução dos estereótipos de gênero e o sexismo

Em consonância com o tema central da pesquisa, procuramos propor atividades que explorassem situações em que o (a) participante refletisse sobre sua postura em relação aos estereótipos de gênero e como consequência ao sexismo.

Durante a oficina que retratou a violência contra a mulher, percebemos que uma participante se sentiu constrangida, talvez por vivenciar este tipo de violência no âmbito familiar.

Percebemos que um participante se mostrou relutante em mudar suas concepções sexistas, apesar do grupo argumentar sua postura.

Nas falas dos (das) participantes pudemos perceber uma mudança no discurso, porém as atitudes ainda retrataram situações que favoreciam o poder do masculino e de desigualdade ao feminino.

Algumas meninas durante as oficinas se mostraram bastante sexistas, o que retrata como a mulher ainda recebe orientações do ideário daquela que está sendo preparada para “tomar conta” da casa, ser mãe, amorosa, recatada, enfim, ser a esposa cuidadosa que todo homem deseja ter.

Nas análises dos questionários, percebemos algumas mudanças de postura do grupo, o que para nós foi visto como um avanço na medida em que uma das nossas expectativas, era que de fato, pudesse haver, alguma mobilidade comportamental positiva entre os meninos.

No primeiro questionário na questão número um, dos vinte participantes, oito acreditam que roupa curta torna a mulher mais vulnerável à violência e ao assédio sexual. No segundo questionário houve um aumento para doze, o que gerou enquanto análise, uma investigação para entender essa mudança na resposta. Algumas discussões nas oficinas podem ter gerado essas situações: (1) o entendimento que a mulher é vista como objeto do desejo; (2) na discriminação de algumas atitudes colocadas como fora do “normal” pela sociedade; (3) o apelo à atitude de macho que o homem “tem que ter”; a configuração hegemônica onde a mulher é colocada no lugar do recato e, portanto roupa curta a torna vulgar e disponível.

Na questão 2 em que se explorou a possibilidade de existência de profissões mais adequadas para homem ou para mulher, também ocorreu uma mudança de

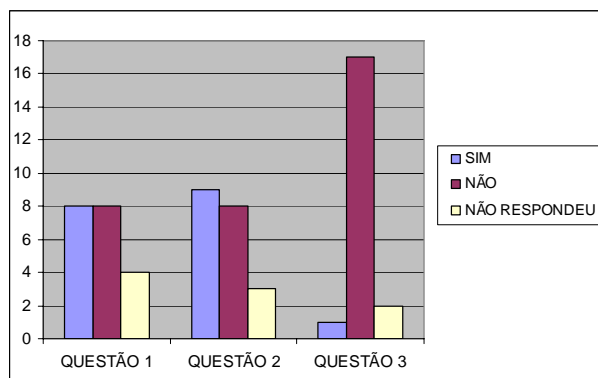
postura na resposta no segundo questionário. No primeiro, nove deles acham que sim e no segundo doze acham que não. Sete participantes acreditam que há trabalhos mais indicados para as mulheres e os que exigem força são ideais para os homens.

Entendemos que ainda nos dias de hoje a mulher vem sofrendo preconceito em relação ao seu desempenho profissional e ainda é vista como frágil, o que reflete nas respostas dos meninos e das meninas.

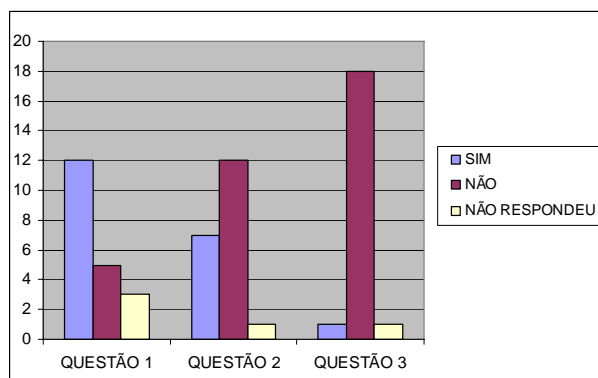
Na questão três, no primeiro questionário dezessete responderam que não concordam que tenha salário diferenciado para homens e mulheres ocupando a mesma função. No segundo o número aumentou para dezoito e um participante respondeu que acha “natural” que o homem receba salário mais alto.

Neste sentido evidencia-se ainda mais, a relação de desigualdade que ainda impera em relação à mulher. E como a família e a sociedade continuam repetir os mesmos padrões sexistas apregoados ao longo da história.

Concernente às questões até aqui analisadas, apresentamos abaixo o gráfico a ela correspondente, bem como a descrição dos dados obtidos.



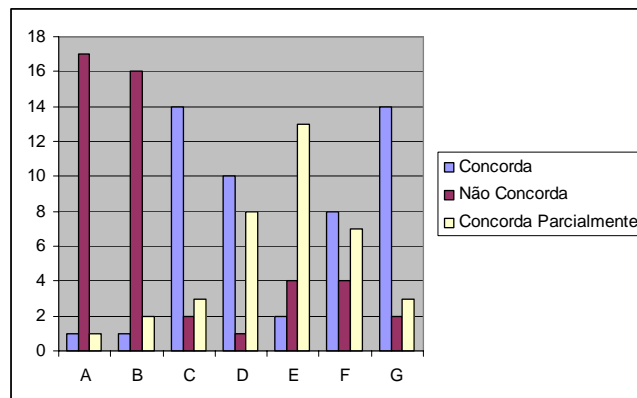
Questionário 1 – Diagnóstico



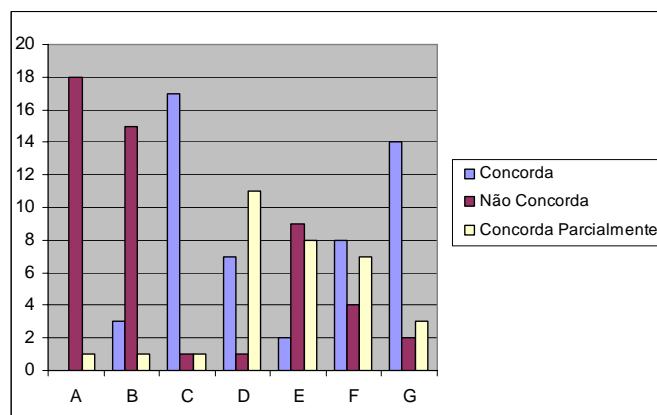
Questionário 2 – Final

Na questão quatro as opções A e B, a maioria demonstrou entender que as duas afirmações não fazem o menor sentido, não concordando com as mesmas. Na letra C houve um aumento de quatorze para dezessete participantes que concordaram que a gravidez é de responsabilidade da mulher e do homem. Na letra D que trata o conceito de gênero, no primeiro questionário sete responderam que concordam com a afirmação e oito concordam parcialmente. No segundo aumentou para onze os que concordam parcialmente com a afirmação. Apesar de ficar evidente que o conceito trabalhado na oficina ainda não ficou claro para os (as) participantes, percebemos um movimento de ampliação da reflexão e análise do conceito por parte do grupo. Na letra E houve também uma movimentação na postura com relação a concordar parcialmente e a não concordar que toda mulher quer ser mãe. Na letra F e G não houve mudança nas respostas nos dois questionários. Um participante não respondeu.

A seguir os gráficos com a descrição dos dados obtidos



Questionário 1 - Inicial



Questionário 2 - Final

As oficinas trabalhadas com o grupo possibilitaram a reflexão do sexismo e dos estereótipos de gênero praticado por essa sociedade patriarcal. A todo o momento o (a) participante era motivado a analisar as circunstâncias que eram apresentadas e esse movimento proporcionou mudanças mesmo que ainda pequenas no grupo. O conceito de gênero e suas implicações ainda não são fáceis para um entendimento em poucas atividades, será necessário no dia a dia da escola colocar em prática as atitudes que validem a desconstrução do padrão estabelecido até hoje.

6.3 - A visão da professora observadora das atividades

A professora que observou as atividades achou-as muito interessantes. Comentou que percebeu a turma mais interessada nas atividades que nas aulas “normais”. Essa afirmação salienta que quando o (a) estudante passa a se envolver com a atividade, saindo do estado de observador, passa a usar estruturas mentais que viabilizam o interesse em achar a solução para problemas do contexto vivido, proporcionando maior interação e conseqüentemente maior participação nas atividades.

No relatório da professora observadora percebemos que a sua observação, ficou centrada no desempenho das tarefas por parte dos (das) participantes, escrevendo com muitos detalhes cada cena apresentada pelos grupos. Alguns exemplos da escrita do relatório:

Exemplo 1 – “O terceiro grupo traz em questão a situação de uma menina que engravida sob circunstâncias indevidas (o pai e o namorado não aceitam) e procura trazer o parceiro à razão, racionalizando o fato de ambos terem que encarar juntos a realidade que se apresenta. O namorado rejeita a conseqüência imprudente do ato sexual”.

“Os alunos são levados a refletir sobre as concepções tradicionais que ainda responsabilizam mulheres, unilateralmente, por conseqüências indesejáveis de atos sexuais imprudentes. Novamente a reflexão permeia a esfera do "vestir a pele do outro”.

Exemplo 2 – “Os membros do segundo grupo representam a cena de uma menina que toma a iniciativa de convidar o menino para sair, "atropelando" um conceito machista que ainda é alimentado por grande porcentagem dos seres sociais sempre em busca de respostas comportamentais mais adequadas em situações em que se analisa papéis masculinos e femininos”.

“Após a encenação o grupo discute cada postura assumida na cena, por ambos os sexos, e exteriorizam a opinião de que a iniciativa na conquista também deve partir das mulheres, já que homens amedrontam-se diante da possibilidade da hostilidade feminina. Meninas dizem sentirem-se inseguras também pelo medo do ‘não’. Toda essa discussão evidencia que os alunos constroem a conclusão de que deve haver uma igualdade sóbria de homens e mulheres quando o assunto é relações pessoais”.

Para a professora que observou as atividades, “os trabalhos das oficinas encerram-se com satisfatória construção coletiva do grupo discente de uma concepção mais analítica, crítica e sóbria dos papéis e das atribuições de homens e mulheres, agora não mais condicionados a repetir padrões culturais que valorizam posturas pré-estipuladas por convenções sociais”.

A participação da professora observadora contribuiu muito nas análises qualitativa, pois para a professora que estava mediando a atividade, alguns detalhes relatados pela professora observadora muito favoreceram o fechamento das análises.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

...Os indivíduos aprendem desde muito cedo – eu diria que hoje desde o útero – a ocupar e/ou a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer. (MEYER, p.22, 2003)

Na presente pesquisa, procuramos focar o nosso trabalho no objetivo geral. Na desconstrução dos estereótipos de gênero e no enfretamento das atitudes sexistas à luz da contribuição de atividades investigativas.

Com uma observação mais aguda durante todo o percurso de que as atividades estavam sendo bem exploradas, e se o objetivo das mesmas estava

sendo alcançado, buscamos parâmetros que pudessem nos auxiliar na tarefa de validar a nossa análise.

Pensando no aspecto do tema das atividades, as relações de gênero, a conquista do espaço para a discussão proporcionou à turma investigada um ambiente para externar suas inquietações e até mesmo as suas insatisfações. As meninas durante a participação, em suas falas, lamuriavam da forma que são por vezes tratadas. Nesse momento as reflexões das situações proporcionaram acolhimento e escuta, parâmetros esses para construção de igualdade, na condição de colegas em sala de aula.

A estratégia da utilização de atividades investigativas para explorar as discussões, mostrou-se bastante frutífera. Com situações-problemas, o (a) participante elabora possíveis respostas, argumentam, identificam os modos diferentes de resposta compartilhada no grupo e apresentam dentre outras características a autonomia para elaborar mais conscientemente soluções para seu dia a dia.

A inclusão do tema tratado nas aulas de ciências sinalizou que as aulas puderam ser mais provocativas e reflexivas, ao agregar a temática de gênero ao conteúdo de sexualidade e reprodução humana, já existente nos livros didáticos. Nesse sentido, talvez, possa ser um caminho mais aplainado para a introdução de uma discussão menos subjetiva na escola. Foi apontada também, a necessidade de se criar no âmbito escolar momentos para refletir as práticas sexistas que são apontadas no discurso e nas atitudes dos (das) estudantes, pois com o término das atividades propostas, percebemos mudanças ainda que pequenas nas posturas do grupo participante.

Avaliamos que as situações criadas nas atividades contribuíram para a abertura do questionamento, empatia e um apontamento para o início da reconstrução de padrões mais igualitários.

A sensibilidade em perceber que o espaço “escola” necessita de práticas inclusivas, que “os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir” (Louro,1997,p.59), são formas que possibilitarão a construção dos saberes mais humanizados e ações mais igualitárias.

Referências bibliográficas:

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - *Saúde e Prevenção nas Escolas: guia para formação de profissionais de saúde e de educação*/ Ministério da Saúde – SVS – Programa de DST/AIDS p.41-46 – Brasília - DF, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais – *Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Gêneros* – Saúde e Prevenção nas Escolas, v.7 – Brasília – DF, 2011.

CARVALHO, A.M.P. et.al. - *Ensino de Ciências : Unindo a pesquisa e a prática* – São Paulo: Cenagage Learning, 2012.

COSTA, A. S. M; VERGARA, S.C. - Estruturalista, pós – estruturalista ou pós – moderno? Apropriações do pensamento de Michel Foucault por pesquisadores da área de administração do Brasil - *Gestão e Sociedade* - Belo Horizonte, Vol.6 , n.13, p.69-89. Janeiro/Abril 2012

HEILBORN, M.L.; ROHDEN, F. – *Conceito de Gênero In – Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de Conteúdo. Versão 2009 – Rio de Janeiro: CEPESC – Brasília: SPM, 2009.

LIMA, M.E.C.C.; MARTINS, C.M.C. – *Ensino de Ciências com Caráter Investigativo A*, p.2-7. Apostila da especialização em Ensino de Ciências, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

LIMA, M.E.C.C; JÚNIOR, O.A.; PAULA, H.F – *Formação e Evolução dos conceitos (FEC)*, p12 – 18 e p. 26 – 33. Apostila da especialização em Ensino de Ciências, UFMG, Belo Horizonte, 2014.

LOURO, G.L. – *Gênero, sexualidade e educação : Uma perspectiva pós-estruturalista* – Petrópolis, RJ : Vozes, 1997

MEYER, D.E., - *Gênero e educação: teoria e política* - In - LOURO, G.L; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (organizadoras). – *Corpo, gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003

NOGUEIRA, C. – *Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social* – Psicologia: Teoria e Pesquisa 2008, Vol.24 n.2 pp.235-242.

Disponível em : http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=80055

Acesso em 29/09/2013 às 19:59.

PRAUN, A.G. - Sexualidade, Gênero e suas Relações de Poder – Revista Húmus, Jan/Fev/Mar/Abr. 2011. N° 1.

Disponível em: <http://www.humus.pro.br/201115565.pdf>

Acesso 30/09/2013 às 12:35.

Prefeitura Municipal de Contagem - Espaço Bem-Me-Quero – Atendimento à mulher em situação de violência. Dados coletados de janeiro a julho de 2013. Rua José Carlos Camargos, 218 – Centro Contagem. Tel: 3352-7543.

SERRÃO, M.; BALEEIRO, M.C. – *Aprendendo a ser e a conviver* – Fundação Odebrecht – 2.ed. – São Paulo: FTD, 1999. p. 204 e 221

SILVA. T. T.. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org) *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VOLOCHINOV, Vladimir. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>

ANEXOS

Anexo 1

QUESTIONÁRIO

NOME: _____

IDADE: _____ SÉRIE/ANO: _____

SEXO: () Masculino () Feminino

1- Analise a frase a seguir.

“Mulheres que andam com roupas curtas estão mais sujeitas a sofrer violência ou assédio sexual.”

Agora, registre no espaço a seguir a sua opinião, utilizando pelo menos dois argumentos que a fundamentem.

2- Você acredita que existem profissões mais adequadas para homens, e profissões mais adequadas para mulheres? Justifique.

3 - Você considera justo o fato de mulheres e homens, que estejam ocupando a mesma função, receberem salários diferentes? Justifique

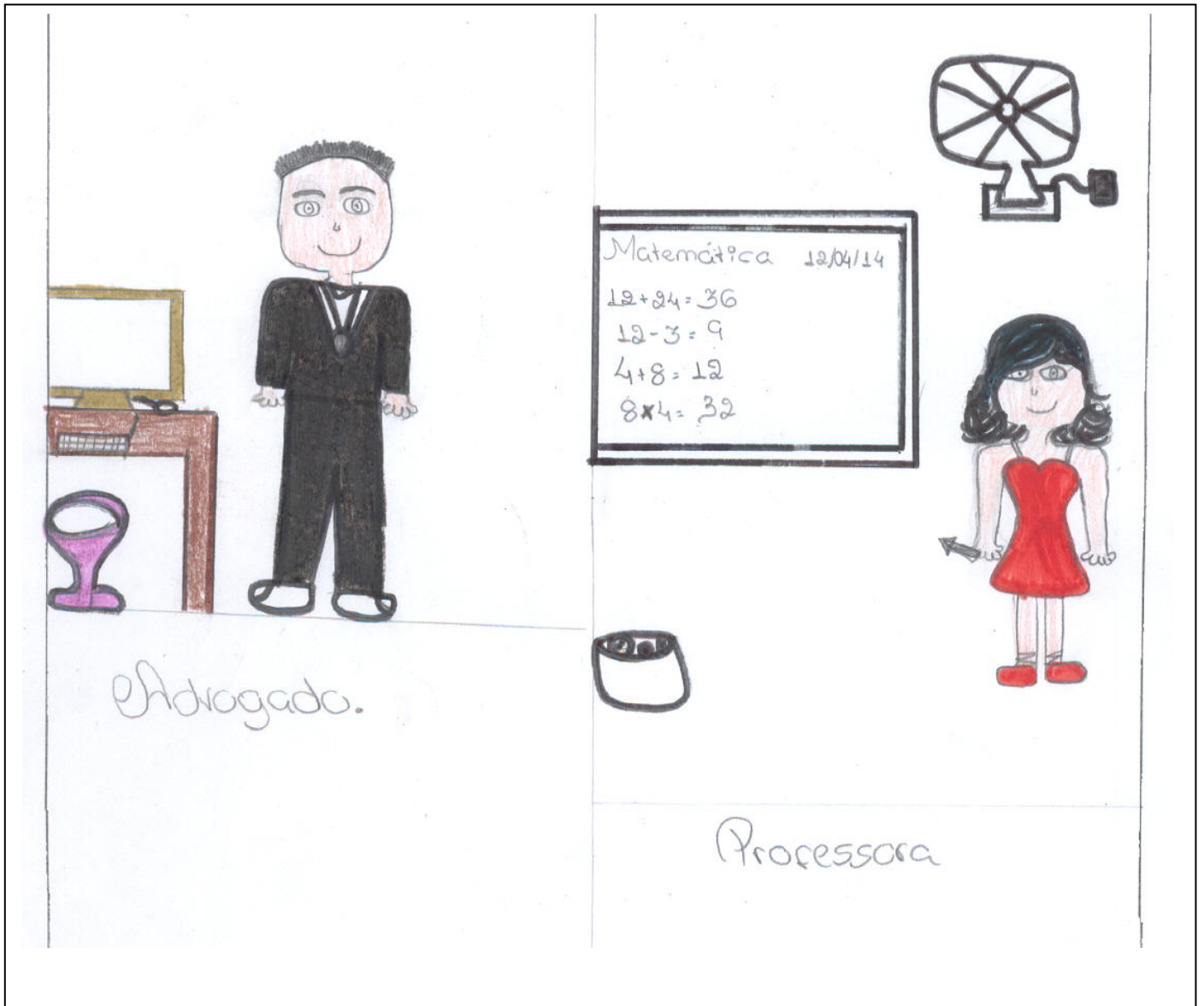
4- Leia as frases a seguir e, conforme sua opinião escreva:

- C, se concorda totalmente com a afirmativa;
- P, se concorda parcialmente com a afirmativa
- N, se não concorda com a afirmativa.

A () Mulher no volante perigo constante.

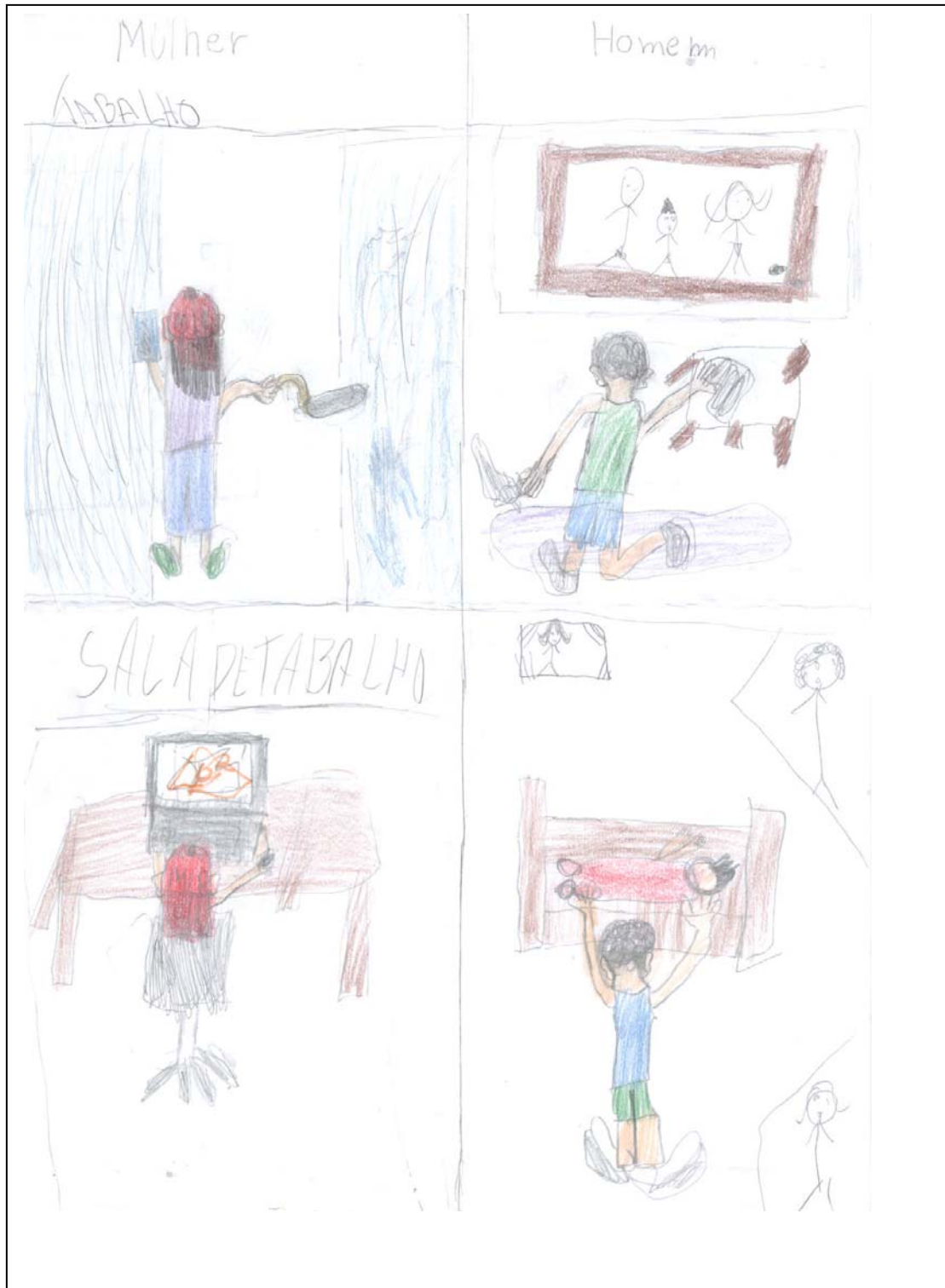
Anexo 2

Desenho inicial



Anexo 3

Desenho final

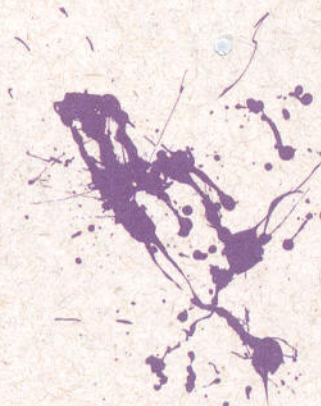


Anexo 4

Oficina 2

Oficina 1 :

Um conceito chamado gênero⁵



Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
<p>Conceituar gênero, sexo e identidade de gênero.</p> <p>Reconhecer que existem diversas feminilidades e masculinidades.</p> <p>Refletir sobre os aspectos da socialização feminina e masculina que transformam as diferenças entre homens e mulheres em desigualdades.</p>	<p>Folhas grandes de papel</p> <p>3 cartões (20X10 cm)</p> <p>Um escrito HOMEM, outro MULHER e o terceiro SEXO</p> <p>Fita crepe ou adesiva</p> <p>Canetas de ponta grossa</p> <p>Tiras de papel</p> <p>Desenho de uma árvore bem grande</p> <p>Texto: <i>Identidade de Gênero</i> para todos(as)</p> <p>Folha de cartolina com um termômetro desenhado do lado esquerdo e dividida horizontalmente em três partes (frio, morno, quente)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ O que é ser mulher? ▶ O que é ser homem? ▶ Como as crianças aprendem qual deve ser o comportamento de uma mulher ou de um homem? ▶ Em quais lugares e espaços sociais estão as mulheres? E os homens? ▶ Em que situações uma adolescente ou jovem se sente discriminada pelo fato de ser mulher? ▶ Em que situações um adolescente ou jovem se sente discriminado pelo fato de ser homem?

Tempo: 1 hora

⁵ Fonte: (WEGS; TURNER; RANDALL-DAVID, 2003)

Integração

- ▶ Cole três folhas grandes de papel na parede, formando três colunas.
- ▶ Coloque a palavra MULHER na primeira coluna e cole a palavra HOMEM na terceira coluna.
- ▶ Inicialmente, peça aos(as) participantes para falarem o que lhes vêm à cabeça, quando escutam a palavra "mulher". Escreva as palavras na primeira coluna, à medida que forem falando. Repita a mesma atividade para a coluna "homem".
- ▶ Quando esgotarem as características, leia cada uma das duas colunas.
- ▶ Troque os títulos de cada coluna, substituindo a palavra "mulher" pela palavra "homem", na primeira coluna, e vice-versa em relação à terceira coluna. Pergunte aos(as) participantes se as características listadas para as mulheres também poderiam ser atribuídas aos homens e vice-versa.
- ▶ Na coluna do meio, coloque aquelas que não podem ser atribuídas aos dois sexos, ou seja, as ligadas à biologia. Coloque o cartão com o título SEXO nessa segunda coluna.
- ▶ Apresente aos(as) participantes os conceitos de gênero e identidade de gênero, explicando que:

Gênero é como nós somos socializados, ou seja, é formado pelas atitudes, comportamentos e expectativas que a sociedade associa ao que é ser homem ou ser mulher. Elas podem ser aprendidas com os amigos(as), a família, nas instituições culturais, educacionais e religiosas ou ainda nos locais de trabalho.

Identidade de gênero refere-se à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo biológico. A identidade de gênero inclui a consciência pessoal do corpo, no qual podem ser realizadas, por livre escolha, modificações estéticas ou anatômicas por meios médicos, cirúrgicos ou outros. Lembremos, em especial, das pessoas transexuais masculinas e femininas e das travestis. Todos(as) nós temos nossa identidade de gênero, pois trata-se da forma que nos vemos e queremos ser vistos, reconhecidos e respeitados, como homens ou como mulheres.

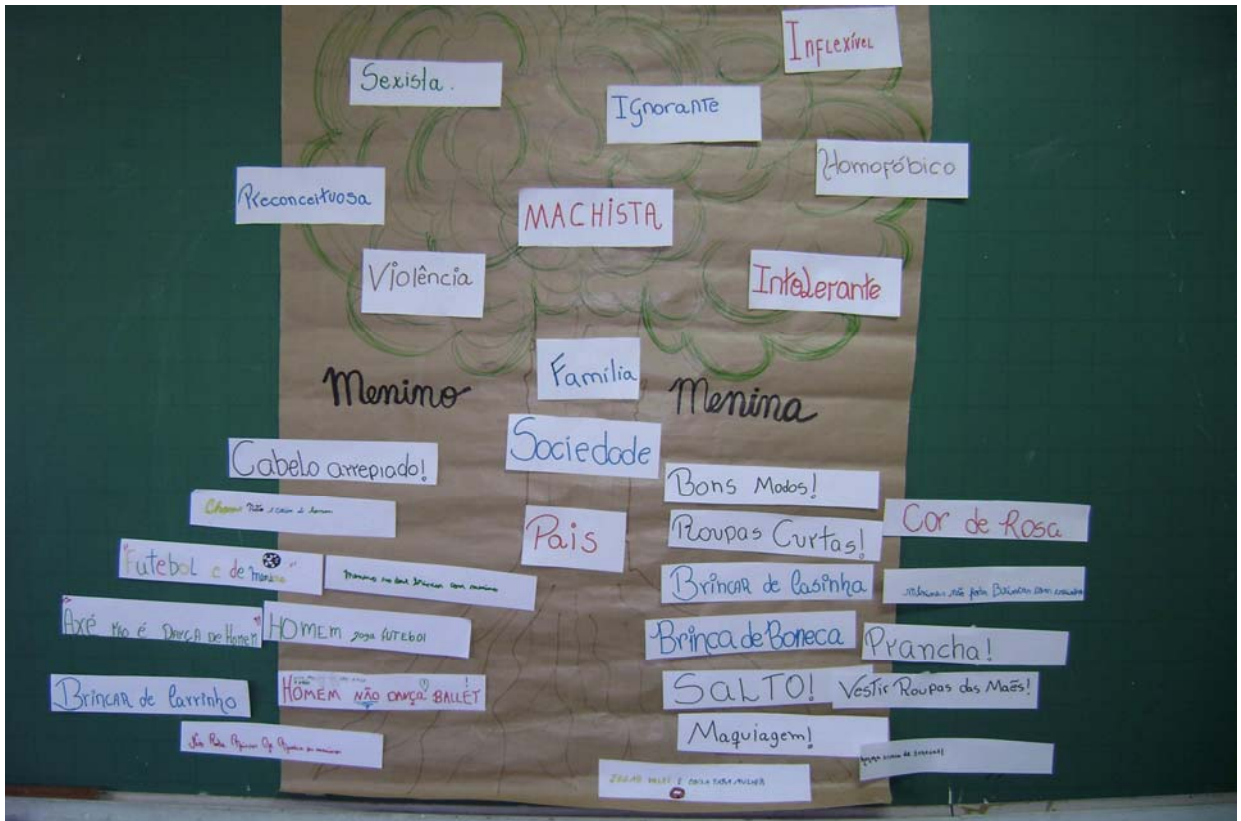
Atividade

- ▶ Divida os(as) participantes em quatro grupos e peça que façam uma lista com todas as informações que são passadas para as crianças na infância sobre ser menino ou menina. Por exemplo: "menino não chora" e "menina tem que sentar de perna fechada". Distribua tiras de papel e peça que escrevam cada informação em uma tira.
- ▶ Coloque o desenho da árvore na parede.
- ▶ Quando terminarem, cada grupo deve fixar suas tiras na raiz da árvore. Os relacionados aos meninos do lado esquerdo e às meninas do lado direito (ou vice-versa).
- ▶ Depois, peça que reflitam sobre quem costuma dar essas informações para as crianças (família, escola, sociedade, religião e mídia). Peça que, novamente, escrevam as conclusões nas tiras, mas que, agora, as coleem no tronco da árvore. Na sequência, proponha uma reflexão conjunta sobre como as pessoas adultas – homens e mulheres – se comportam sendo criadas sob essas orientações.
- ▶ Os resultados dessa reflexão deverão ser escritos nas tiras e colados como frutos. Quando terminarem, leia, de cima para baixo, as respostas que foram dadas e pergunte às/aos participantes a que conclusões se pode chegar olhando para a árvore.
- ▶ A partir das conclusões, construa o conceito de gênero, em conjunto com as participantes, e aprofunde discutindo o porquê da existência das desigualdades de gênero, onde elas se manifestam, as formas como se expressam e os mecanismos que as reproduzem, a partir das questões a serem respondidas (ver quadro).
- ▶ Distribua o texto Identidade de Gênero (abaixo) e proponha uma leitura coletiva.

Conclusões

- ▶ Gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser mulher ou homem na vida social.
- ▶ Na maioria das sociedades, as relações de gênero são desiguais e desequilibradas, no que se refere ao poder atribuído a mulheres e homens.
- ▶ As desigualdades de gênero se refletem nas leis, políticas e práticas sociais, assim como nas identidades, atitudes e comportamentos das pessoas.
- ▶ As relações de gênero, quando desiguais, tendem a aprofundar outras desigualdades sociais e econômicas e contribuem para a manutenção de contextos, atitudes e comportamentos violadores dos direitos humanos, tais como a discriminação em função da classe socioeconômica, nível de escolaridade, raça e etnia, idade, orientação sexual, condições de saúde ou deficiência, dentre outras.
- ▶ Os atributos e papéis relacionados ao gênero não são determinados pelo sexo biológico. Eles são construídos historicamente e socialmente e podem ser transformados.

Anexo 5



Anexo 6

TÉCNICA:	INVERTENDO OS PAPÉIS
FONTE:	Projeto Crescer e Ser
OBJETIVOS:	Refletir sobre os papéis sexuais e os estereótipos vigentes em nossa cultura; possibilitar o questionamento dos privilégios entre os sexos, percebendo as diferenças culturais existentes.
MATERIAL:	Papel ofício e lápis.

DESENVOLVIMENTO

1. Dividir o grupo em cinco subgrupos.
2. Dar um tema para cada subgrupo, pedindo que discutam os papéis, as diferenças e os privilégios relativos aos sexos, de acordo com o tema recebido:
 - relação marido—mulher;
 - educação de filhos(as);
 - trabalho;
 - namoro;
 - relacionamento sexual.

Tempo para a discussão, pedindo que anotem os pontos principais levantados pela equipe.
3. Solicitar que cada subgrupo crie uma cena que expresse a conclusão a que chegou. Pedir que, na cena, os rapazes façam o papel feminino e as moças, o masculino.
4. Apresentação de cada subgrupo.
5. Plenário — compartilhar os sentimentos e as observações:
 - Como se sentiu incorporando o papel do sexo oposto?
 - Qual a diferença existente entre o que você representou e o que você faria nessa situação na realidade?
 - Quais as diferenças que são inerentes ao gênero e quais as que decorrem da cultura?

COMENTÁRIO

Ocupando o lugar do outro, cada adolescente reflete sobre os papéis sexuais e os estereótipos vigentes em nossa cultura. Esta constatação é importante, principalmente quando se trata de um trabalho sobre sexualidade.

Podem surgir dificuldades relativas a viver papéis do gênero oposto. Cabe ao facilitador estar atento para as intervenções que se fizerem necessárias, de forma a facilitar a atuação dos adolescentes.

Anexo 7

TÉCNICA:	REAÇÕES MASCULINAS E FEMININAS
FONTE:	Projeto Adolescência Criativa Olodum (adaptação AEPV)
OBJETIVO:	Analisar a maneira pela qual o fato de ser homem ou mulher afeta as reações das pessoas e suas relações.
MATERIAL:	Ficha de trabalho.

D ESENVOLVIMENTO

1. Formar seis subgrupos. Distribuir a ficha de trabalho pelos grupos, dando uma situação diferente para cada.
2. Dar tempo para que cada subgrupo discuta a situação-problema, preparando uma dramatização para apresentar ao grupo, propondo uma solução para o conflito em questão.
3. Apresentação das dramatizações.
4. Plenário — discussão das dramatizações a partir das perguntas:
 - Qual a situação-problema que lhe chamou mais a atenção? Por quê?
 - Você daria uma solução diferente a alguma das situações apresentadas? Qual? Por quê?
 - Você considera que o adolescente de hoje reage de forma diferente do adolescente de dez anos atrás diante dessas situações? Justifique.
5. Fechamento: o facilitador coloca para os adolescentes que existe algo além dos papéis de gênero — o sentimento das pessoas. Este sentimento serve de guia para a tomada de decisão no relacionamento com os outros. Quando se deixa o sentimento de lado, corre-se o risco de padronizar os comportamentos, banalizando justamente o essencial para o indivíduo.

C OMENTÁRIO

Esta atividade leva a uma reflexão sobre os gêneros e favorece a discussão sobre os papéis masculinos e femininos, podendo criar polêmica entre os participantes.

Cabe ao facilitador estar atento aos conteúdos que emergem, verificando a necessidade de pontuar determinadas colocações. É preciso considerar que a discussão em torno de certos temas não se esgota, nem se pode pretender chegar a respostas definitivas no grupo.

FICHA DE TRABALHO

REAÇÕES MASCULINAS E FEMININAS

Situações-problema

1. Miguel vai convidar Laura para sair com ele pela primeira vez. Ele gostaria de jantar fora e, depois, ir ao cinema. Miguel acha que Laura deveria dividir a conta com ele. O que ele deve fazer? O que ela deve fazer?
2. Rosa está interessada em Roberto há alguns meses. Ela acha que ele também está interessado nela, mas que é muito tímido para convidá-la para sair. Rosa pensa em falar com ele e convidá-lo para sair, mas tem medo de assustá-lo. O que acontecerá se ela o convidar?
3. Marina e José estão casados há dois anos. Os dois sempre trabalharam fora. Agora, Marina está grávida, mas quer voltar a trabalhar o mais rápido possível, após o parto. Seu marido quer que ela fique em casa até que a criança entre na escola. O que Marina deve fazer?
4. Samuel quer comprar uma boneca para seu irmão de três anos. Ele já viu algumas muito bonitas na loja. Mas, quando comenta isso com seu amigo João, este responde: "Meninos não brincam com bonecas". O que Samuel deve fazer?
5. Margarida está doente e Carlos, seu marido, lava a roupa e cozinha, porque eles não têm dinheiro para pagar uma empregada. Carlos começa a perceber que seus amigos zombam dele e dizem que essas tarefas são para as mulheres. O que Carlos pode fazer para que seus amigos deixem de aborrecê-lo, sem magoá-los nem brigar com eles?
6. Marta e Pedro vivem no campo e estão casados há pouco tempo. Pedro vai à capital para trabalhar durante dois meses. Enquanto ele está fora, a casa precisa ser reparada e pintada devido aos estragos provocados pelas chuvas. Como Pedro está ausente, Marta tem de fazer o serviço. Quando Pedro volta, seus amigos o recriminam por não cuidar de sua mulher. O que ele deve fazer? Marta agiu corretamente?

Anexo 8

Oficina 5

38 - Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

Oficina 5:

Uma história de desamor



Objetivos

Identificar os diferentes tipos de violência e refletir sobre os tipos particulares de violência que acontecem, na maioria das vezes, nas famílias e nos relacionamentos íntimos.

Materiais necessários

Folhas grandes de papel
 Canetas ou lápis
 Canetas de ponta grossa
 Cópias das três partes da história para todos(as)
 Quadrados de papel de diversas cores de 10 cm x 10 cm.
 Cola
 Aparelho de som
 CD de música suave

Questões a serem respondidas

- ▶ Existem violências que estão relacionadas ao gênero da pessoa? Qual o tipo de violência mais comum praticada contra as mulheres? E contra os homens?
- ▶ Apenas os homens são violentos ou as mulheres também são? Qual o tipo de violência mais comum que as mulheres usam contra outras pessoas?
- ▶ Quais são os tipos de violência mais comuns que ocorrem em um relacionamento íntimo?
- ▶ Por que há momentos em que não queremos falar sobre a violência em nossas vidas?
- ▶ Por que algumas pessoas, mesmo sofrendo violências em um relacionamento, não conseguem deixar o(a) parceiro(a)?
- ▶ Essas razões são diferentes para uma mulher jovem e uma mulher adulta?
- ▶ Como você poderia ajudar uma amiga que sofreu violência ou agressão?

Tempo: 2 horas

Integração

- ▶ Explique ao grupo que o objetivo dessa atividade é fazer uma discussão sobre os diferentes tipos de violência que existem.
- ▶ Divida os (as) participantes em 4 grupos. Cada um receberá uma folha de papel. Explique aos participantes que eles vão escrever uma definição de violência, refletindo sobre qual o significado dessa definição.
- ▶ Peça aos grupos, um a um, para apresentar as suas definições. Destaque as principais ideias e conceitos-chave de cada um dos grupos e coloque-os em um grande pedaço de papel ou no quadro.
- ▶ A partir das definições levantadas pelo grupo, explique que:
No *artigo 5º* da Lei Maria da Penha, a lei que trata sobre a violência contra a mulher, configura-se como violência doméstica e familiar *qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, e danos morais ou patrimoniais*⁶.
Inclui tanto violências em que se usa a força física quanto situações de humilhação, ameaça, insulto, pressão do(a) parceiro(a) e expressões de ciúme ou de posse, tais como o controle das decisões e das atividades. Pressionar ou forçar alguém a manter relações sexuais (desde beijo ao sexo) contra a sua vontade ou fazer comentários sexuais que façam a pessoa se sentir desconfortável ou humilhada, também são considerados casos de violência.

Atividade

- ▶ Peça que o grupo se divida em cinco ou seis subgrupos e que escolham uma das pessoas para relatar suas respostas.
- ▶ Informe que cada grupo receberá uma mesma história sobre violência, em três partes, e que cada parte deverá ser lida e respondida.
- ▶ Quando terminarem, essa parte será relatada por todas as equipes e uma segunda história será distribuída.
- ▶ Explique que será feito o mesmo procedimento de ler, responder e relatar a história.
- ▶ Enfatize que o(a) relator(a) terá, também, a função de garantir que todas as pessoas tenham oportunidade de se posicionar e que deverá anotar todas as respostas em uma folha de papel em branco.
- ▶ Após as apresentações dos grupos, aprofunde o debate, a partir das questões a serem respondidas.

⁶ Fonte: (MEDRADO; PEDROSA, 2006)

Conclusões

- ▶ São diversas as manifestações de violência sofridas pelas mulheres em todo o mundo pelo simples fato de serem mulheres.
- ▶ Muitas vezes, as atitudes e comportamentos violentos são considerados uma característica "natural" dos homens, mas isso não é verdade. Em nossa sociedade, a educação de homens e mulheres tende a reforçar valores tradicionais acerca do masculino e do feminino. Assim, é importantíssimo ressaltar que não apenas os homens, mas também as mulheres compartilham e reforçam esse modelo de dominação do homem sobre a mulher. Portanto, a extinção do machismo e o enfrentamento da violência contra as mulheres exigem uma transformação e um compromisso de todos e de todas.
- ▶ A violência sofrida pela mulher negra, sob muitos aspectos, é a mesma sofrida pela mulher branca, porém a essa violência se soma ainda a violência racial que as mulheres brancas não sofrem. As experiências de desigualdade e violação de direitos das mulheres negras são ainda somadas às desvantagens acumuladas por aquelas que, além de mulheres, são negras e jovens.
- ▶ A violência contra as mulheres – seja ela física, psicológica, sexual ou de outra ordem – constitui um grave risco à saúde e amplia as possibilidades de infecção por doenças sexualmente transmissíveis (DST) e pelo HIV/aids.
- ▶ A infecção pelo HIV, a mortalidade materna, a violência e o aborto inseguro constituem graves desafios à saúde integral das mulheres, devendo ser enfrentados com políticas de saúde eficazes: campanhas permanentes de prevenção e acesso aos preservativos masculino e feminino, a detecção precoce da infecção e a garantia do tratamento, ao lado de políticas de fortalecimento das mulheres diante das desigualdades vividas na sociedade.

Finalização da oficina

- ▶ Explique que farão uma atividade de interiorização e conscientização dos sentimentos naquele momento. Coloque a música e peça que fechem os olhos e concentrem-se, procurando perceber qual o sentimento que surge.
- ▶ Após cerca de um minuto, peça que escolham, em silêncio e individualmente, um quadrado colorido de papel cuja cor se relacione com o sentimento predominante.
- ▶ Em seguida, solicite que formem subgrupos de acordo com a cor escolhida, e cada pessoa explicará a relação que fez entre a cor e o seu sentimento.
- ▶ Coloque uma folha de papel grande na parede e solicite que colemb seus quadrados nela e escrevam, também, os sentimentos que surgiram.

Anexo 9

Folha de apoio para participantes

Parte 1

Edméia tem 15 anos e mora em bairro bem distante do centro da cidade. Trabalha como ambulante junto com sua mãe. Namora o Edson há mais de um ano e eles têm um filho de 3 meses de idade que fica na creche. Na noite de domingo, eles brigaram porque Edson a acusava de estar de caso com um ambulante que vendia DVDs piratas. Edméia disse não aguentar mais tantas cenas de ciúmes e que seria melhor eles se separarem. Edson deu um soco na cara dela e foi embora.

Na opinião de vocês, a decisão de Edméia em querer terminar com o namoro foi acertada ou não? O que ela poderia fazer nessa situação? Para quem ela poderia pedir ajuda?

Parte 2

No dia seguinte, Edméia foi trabalhar e Edson apareceu por lá pedindo mil desculpas e levando uma rosa vermelha para ela. Ela se comoveu e topou voltar a namorar com ele. Edson jurou que nunca mais iria nem fazer cena nem encostar a mão nela. Prometeu, também, procurar um trabalho em que ganhasse mais para eles poderem alugar uma casinha e, finalmente, viverem juntos com o filho.

Dois dias depois, entretanto, Edson foi à casa de Edméia e já chegou gritando. Dizia que não tinha certeza de que o filho era dele mesmo e que não iria mais se casar com ela porque ela não passava de uma vagabunda. Edméia tentou conversar com ele, mas ele começou a espancá-la e a chutá-la.

Sua mãe e a vizinha correram para segurar Edson que foi embora dizendo que nunca mais iria procurá-la.

A mãe e a vizinha tentaram levar Edméia a um hospital e à Delegacia da Mulher, mas ela não quis ir de jeito nenhum porque não queria complicar a vida de Edson.

Por que Edméia se preocupou mais em não complicar a vida de Edson do que em cuidar de si? Além de ir ao hospital, o que mais ela poderia fazer para não ser mais maltratada?

Parte 3

Uma semana depois, Edson esperou Edméia sair da Igreja e pediu para voltarem às boas. Edméia respondeu que jamais, pois ele a maltratou muito e o amor que ela tinha por ele tinha se acabado. Edson ainda tentou retrucar, dizendo que tudo que ele fez foi por amá-la demais e que nunca mais faria nada nem contra ela nem contra o filho dos dois.

Edméia foi inflexível: o namoro acabou. Virou as costas e continuou andando. Edson foi atrás dela e...

O que vocês acham que aconteceu? O que Edson fez?

Vocês conhecem alguma história parecida com essa em que rolou uma situação de violência no final? Vocês acreditam quando uma pessoa diz que foi violenta com o/a namorado por amor? Por quê? Se não foi por amor, foi por quê? O que adolescentes e jovens poderiam fazer para diminuir/acabar com histórias reais como essa?

Anexo 10

44

Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação Saúde e Prevenção nas Escolas
Ministério da Saúde - SVS - Programa Nacional de DST/AIDS

Oficina 2 - A construção social dos gêneros

Objetivos

- Reconhecer o processo de construção dos papéis sexuais dos homens e das mulheres nas sociedades;
- Obter recursos para a produção de novos discursos e novas formas de atuação no que diz respeito às relações de gênero.

Tempo de duração: ± 2 horas

Material necessário: lousa, giz e cópias dos textos de apoio.

Sugestão para o encaminhamento da oficina

- O facilitador apresenta os objetivos da oficina e propõe aos participantes que se dividam em dois grupos. O primeiro grupo deve listar as vantagens de ser homem (grupo 1) e, o segundo grupo, as vantagens de ser mulher (grupo 2);
- Quando o facilitador sentir que a discussão já está perdendo força, distribui os textos O mito da superioridade masculina (grupo 1), A luta da mulher por seus direitos (grupo 2) para uma leitura crítica e apresentação de um resumo, destacando os pontos em que concordam ou discordam da autora;
- O facilitador abre para a apresentação das conclusões e observações dos grupos.

Textos sugeridos na oficina

O MITO DA SUPERIORIDADE MASCULINA

O estereótipo masculino dominante no Ocidente exige que o homem negue suas próprias necessidades afetivas, pois a expressão de emoções é considerada sinal de fraqueza. Segundo esse estereótipo, o homem deve demonstrar auto-suficiência, independência e provar sua superioridade em relação aos outros, obtendo sucesso e poder. Homem que é homem deve exibir coragem, audácia, agressividade, mostrar-se mais forte que os outros, ainda que para isso faça uso da violência. Todos nós estamos familiarizados com a cena do menino que apanha na rua, volta machucado para casa e é estimulado pelo pai a revidar para recuperar a honra.

O homem que se submete aos comandos do estereótipo masculino é o supermacho que ainda hoje povoa a imaginação das massas. A imagem do caubói duro, solitário, viril e impassível, do Exterminador ou do Rambo, ainda povoa a imaginação de milhões de homens (e de mulheres) no mundo inteiro. (...)

Na verdade, esse estereótipo masculino é inacessível aos homens de carne e osso, o que provoca tensão entre o ideal coletivo e as possibilidades dos homens reais. A imagem mítica de sucesso, potência, controle e força acabam fazendo com que os homens tenham a sensação de que são incompletos, insuficientes. Tal sentimento é fonte de angústia e leva muitos homens a lutar, continuamente, para provar a própria superioridade, agredindo outros homens e, sobretudo, agredindo e humilhando as mulheres. Provar virilidade exige que o homem, com frequência, manifeste brutalidade, explore as mulheres, tenha reações rápidas e agressivas.

O modelo de masculinidade dominante é prejudicial não só para as mulheres, mas também para os próprios homens, pois eles têm as mesmas necessidades psicológicas das mulheres: amar e ser amado, comunicar emoções e sentimentos, ser ativo e passivo. A proibição de satisfazer essas necessidades é prejudicial ao seu bem-estar físico, emocional e mental. O medo do fracasso e a necessidade de provar a masculinidade empurram os homens para comportamentos compensatórios potencialmente perigosos e destruidores: os homens tendem a assumir mais riscos que as mulheres (bebem mais, andam em motos e automóveis em alta velocidade, envolvem-se, com mais frequência, em brigas e disputas violentas etc.). Também a obsessão de desempenho, a competição e o estresse que acompanham a vida profissional, aumentam a fragilidade dos homens. Embora traga opressão e sofrimento aos homens, o mito da onipotência masculina proporciona-lhes também satisfações fantasiosas. Assim, o mito persiste, graças à cumplicidade dos próprios homens (e das mulheres) que são por ele oprimidos.

O mito da superioridade masculina. In: BALEEIRO, Maria Clarice et all. *Sexualidade do Adolescente. Fundamentos para uma ação educativa*. Salvador: Fundação Odebrecht; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, 1999, pp. 153-154.

A LUTA DA MULHER POR SEUS DIREITOS

O século XX tem sido marcado pelo reconhecimento dos direitos de grupos antes ignorados ou oprimidos (crianças, idosos, negros, mulheres, deficientes, homossexuais etc.). As transformações sociais e o surgimento de movimentos de defesa das minorias fizeram crescer a consciência das desigualdades e discriminações.

Coube aos movimentos feministas trazer para o espaço público a discussão das diferenças de poder entre os gêneros, questionar os seculares privilégios masculinos e reivindicar para as mulheres o direito de serem donas de si mesmas. A rebelião contra o papel do objeto sexual dos homens, o direito de decidir sobre a própria fertilidade e de ter acesso ao prazer sexual fazem parte da agenda desses movimentos. A partir deles, cresce a consciência de que a falta de equidade entre os gêneros, profundamente arraigada na sociedade, gera comportamentos considerados “naturais”, que são obstáculos à concretização dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

Na realidade, a luta das mulheres para alcançar autonomia está apenas começando. Na prática, a maioria das mulheres não consegue resistir às pressões dos seus parceiros: muitas mantêm relações sexuais desprotegidas por não conseguirem negociar com os homens o uso da camisinha; aceitam engravidar para satisfazer seus companheiros, ainda que não desejem fazê-lo ou, inversamente, são pressionadas a evitar a gravidez, a interrompê-la e até mesmo a submeter-se à ligadura de trompas por imposição do homem ou por sua absoluta alienação frente às questões da anticoncepção.

Quanto ao prazer, sabemos que não raro as mulheres são obrigadas a manter relações sexuais que não desejam e que muitas têm dificuldades de experimentar o orgasmo. Os distúrbios do prazer e do desejo costumam estar relacionados à repressão, a sentimentos de culpa ou de baixa auto-estima. Muitas vezes, esses problemas são agravados pelas dificuldades de comunicação do casal e pela indiferença do homem ao que a mulher sente durante o ato sexual.

O modelo cultural de imposição do poder masculino não favorece a autonomia e o respeito das mulheres, por si mesmas. Entretanto, não podemos conceber o homem como o vilão da história. Trata-se de uma realidade cultural que atinge a homens e mulheres e que as próprias mulheres contribuem para manter.

- A luta da mulher por seus direitos. In: BALEEIRO, Maria Clarice et al. Sexualidade do Adolescente. Fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, 1999, pp. 152-153.